

O SOL DOS AMANTES

ARGUMENTO CINEMATOGRAFICO
DE GERALDO SANTOS PEREIRA

DEFINIÇÃO EM FORMA DE PREFÁCIO

O argumento cinematográfico que, a seguir, se lerá, é o ponto-de-partida do roteiro e do filme, nele baseado e co-produzido pela Lynxfilm, Vila Rica Cinematográfica e Embrafilme.

É meu quinto filme de longa-metragem: os dois primeiros, "Rebelião em Vila Rica" e "Grande Sertão", foram realizados conjuntamente com o irmão gêmeo e companheiro inseparável, Renato Santos Pereira, enquanto os três últimos, "Balada dos Infiéis", "O Seminarista" e, agora, "O Sol dos Amantes", o foram isoladamente, mas também contando com a colaboração de mano e colega na produção-executiva.

De acordo com seus objetivos, determinados filmes se dirigem mais aos sentimentos do que ao raciocínio; outros, dotados de conteúdo polêmico, estimulam debates no plano das idéias e das convicções, ou exercem a crítica de costumes e a denúncia de erros e injustiças, enquanto muitos, finalmente, se atêm ao espetáculo e ao sensacionalismo das imagens.

Pesscalmente, nada tenho contra este ou aquele gênero, defendendo, na verdade, irrestrita liberdade de expressão e considerando fecunda ao cinema brasileiro a diversificação temática, capaz de ampliar sua platéia e satisfazê-la em seu ecletismo.

Isto, evidentemente, não me impede de preferir tematicamente aquele gênero que ambiciona, em primeiro lugar, comunicar-se através de liames emocionais, fornecendo ao espectador, ao mesmo tempo, os elementos subjacentes que o levem a solidarizar-se com os conflitos humanos e sociais dos personagens.

Considero, neste sentido, que o êxito nacional de "O Seminarista", minha obra anterior, definiu expressivamente uma preferência e provou que ampla parcela do público brasileiro é muito sensível ao gênero.

A amplitude e significação do sucesso daquele filme levaram-me a empreender, agora, a realização de "O Sol dos Amantes", película que narra igualmente o drama amoroso de dois jovens que, por fidelidade a seu amor e sua liberdade, desafiam a prepotência e a tirania moral de rico proprietário rural.

Neste filme dei, contudo, maior ênfase à problemática familiar e social, enquanto em "O Seminarista" predominou o tema religioso.

A ação de "O Sol dos Amantes" decorre nos idos da década de 30, em região de Minas marcada fortemente pelo poder patriarcal dos donos de terra, e que tudo submetiam a seu arbítrio.

Esta configuração sócio-econômica prevalece, ainda hoje, em parte considerável do território mineiro, pouco afetado pelo progresso e os modernos meios de comunicação.

O caráter paternalista e autoerático dos grandes proprietários rurais, àquela época e ainda até hoje, gerava a repressão e, não

raras vezes, produzia a violência, vitimando familiares e dependentes, e provocando a rebeldia, como no caso específico de Pedro e Glorinha, personagens centrais da película.

Frustrando, com sua revolta, a trama insidiosa do fazendeiro, que via no casamento da filha a solução para suas dificuldades financeiras, os dois jovens amantes exerciam o direito inalienável ao livre arbítrio, desafiando o poder dominante e questionando princípios injustos.

Ao escrever o argumento e dirigir esta nova película, mantive-me fiel a uma inspiração humana, espiritual e geográfica, nutrida na terra mineira, na qual ambientei todos meus filmes anteriores.

Procurei, em "O Sol dos Amantes", avançar mais percucientemente no conhecimento de uma humanidade dominada por sentimentos tempestuosos, pela revolta e a paixão que conflitam dramaticamente com o rígido sistema patriarcal, em cujo seio viceja a opressão e, muito comumente, se exercita a violência.

Vítimas inocentes do despotismo, Pedro e Glorinha defendem, na verdade, um patrimônio afetivo que faz parte indissolúvel da substância moral do ser humano, e que os levam a enfrentar, corajosamente, vicissitudes de toda espécie, ao empreender acidentada fuga pelo sertão.

Narrando alternadamente, em sua estrutura dramática, a ação e a repressão, a fuga e a perseguição, a revolta e a expiação, o filme enfoca, em seu contexto, uma sociedade anacrônica, apegada a usos e costumes que se dernizam pelo atraso e a extensão da pobreza, provando que o coronelismo, fonte de abusos e ilegalidades, é "a transposição para o plano político de um poder privado econômico e social", como escreve Paulo Mercadante em "Os Sertões do Leste", onde também se lê:

"O coronel é o chefe a quem se obedece, a quem se presta o apoio incondicional. O paternalismo, nascido do mandonismo, traz no seu bojo a repressão em suas diferentes modalidades".

GERALDO SANTOS PEREIRA

FAZENDAS, SERRAS, RIOS E CHAPADÕES

Onde filmei "O Sol dos Amantes"

Como "Rebelião em Vila Rica", "Grande Sertão", "Balada dos Infiéis" e "O Seminarista", O Sol dos Amantes foi integralmente rodado no Estado de Minas Gerais, onde nasci e me formei.

Minhas raízes mineiras - espirituais, sentimentais e culturais - são profundas e permanentes. Mesmo afastado de Minas desde 1949, a velha província natal me enternece, me inspira e me subjuga.

No caso de O Sol dos Amantes, a primeira locação teve como cenário uma das mais belas e típicas fazendas coloniais do Estado, a Fazenda de São Sebastião, situada no município de Curvelo, a quase 150 quilômetros de Belo Horizonte.

Fundada em 1847 pelo português Antônio Gonçalves da Silva Mascarenhas, casado com dona Policena Moreira da Silva Mascarenhas, a Fazenda de São Sebastião foi berço de um dos mais ilustres e numerosos clãs mineiros, o dos Mascarenhas, pioneiros da indústria têxtil no Brasil.

Três dos treze filhos do casal - Bernardo, Caetano e Antônio Cândido - fundaram em 1872 a Fábrica do Cedro, a primeira indústria de tecidos de Minas. Outros quatro filhos inauguraram em 1877 a Fábrica da Cachoeira. A fusão das duas, em 1883, constituiu a Companhia de Fiação e Tecidos Cedro e Cachoeira, a mais antiga sociedade anônima do Brasil, da qual a Fazenda de São Sebastião é propriedade.

Nela ambientei parte considerável da ação de O Sol dos Amantes, evitando identificá-la com a família ilustre que a construiu.

Outra bela propriedade, do século passado, a Fazenda das Pedras, do engenheiro Maurício M. Prates, foi também utilizada para algumas sequências do filme.

Concluída a parte inicial da locação de O Sol dos Amantes, tumultuada pelo tremendo temporal que caiu sobre a região, desloquei minha equipe para a cidade Curvelo, realizando, em sua ^{Vizinhanga} ~~proximidade~~, a filmagem de sequências ambientadas na Serra do Cabral, um dos contrafortes da grande Serra do Espinhaço, nas imediações da rodovia que liga Curvelo a Diamantina.

Filmamos, em seguida, no interior de uma gruta onde os dois personagens centrais se refugiam em dia de forte tormenta, e na qual a ação do filme se conclui.

A última e exaustiva locação da película ocorreu na bela e agreste região de Pirapora, no Norte de Minas, com seus escaldantes chapadões, cenário da obra magistral de João Guimarães Rosa.

PERSONAGENS E INTERPRETES

GLORINHA	FRANCINETE
PEDRO JACINTO	JÚLIO BRAGA
CORONEL PATRÍCIO	OSVALDO LOUREIRO
DONA ARMINDA	VANDA LACERDA
JOVINO	ÁTILA IÓRIO
MAJOR FONSECA	ROFRAN FERNANDES
JOÃO PEREIRA	MILTON VILAR
FIRMINO	ROBERTO BONFIM
ZÉ PINTO	JACKSON DE SOUZA
SEBASTIÃO RAIMUNDO	MILTON GONÇALVES
RITINHA	ANGELINA MUNIZ
EDUARDO	BRENO SILVA
COMANDANTE	ANTÔNIO NADDEO
VÓ SINHANA	CECÍLIA FRUTUOSO
JUDITH	EDELMA MORENO
PILOTO	DANIEL RODRIGUES
DEUTOR HERMANO	ANTÔNIO RICARDO DE MELO
MARGARIDINHA	URÂNIA IRENE
INHÁ FLORIPA	ELZA MARZULLO
PADRE	HELVÉCIO GUIMARÃES
CAPATAZ	LUCAS PACHECO
CANOEIRO	URBANO FRANCISCO BRAGA
LUQUINHA	SÉRGIO ALVES DOS SANTOS
DANÇARINOS E CANTADORES	GRUPO FOLCLÓRICO BANZÉ
FIGURAÇÃO	MORADORES DE CURVELO, PARAQUERA E PIRAPORA.

EQUIPE TÉCNICA

ARGUMENTO, ROTEIRO E DIREÇÃO	GERALDO SANTOS PEREIRA
PRODUTOR	CÉSAR MÊMOLO JUNIOR
PRODUTORES-EXECUTIVOS	ANTÔNIO CÉSAR MARRA e RENATO SANTOS PEREIRA
DIRETOR DE PRODUÇÃO	WILSON MARQUES DE ARAÚJO
DIÁLOGOS ADICIONAIS	FERNANDO S. RUBINGER
DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA	GERALDO GABRIEL
MONTAGEM	JOÃO RAMIRO MELLO
MÚSICA E REGÊNCIA	EDINO KRIEGER
SOLOS DE VIOLA SERTANEJA	RENATO ANDRADE
CENOGRAFIA E VESTUÁRIO	PEDRO NANNI
MAQUIAGEM	CECÍLIO GIGLIOTTI
FOTÓGRAFO DE CENA	JOSÉ DO AMARAL
CONTINUISTA	ISABEL DO AMARAL
ASSISTENTE DE DIREÇÃO	LUCAS PACHECO
ASSISTENTES DE PRODUÇÃO	GENÉSIO AFINSO DE CARVALHO, JORGE SAMPAIO E OZANAM MARRA
ASSISTENTE DE CÂMERA	EURÍPEDES B. DE ARAÚJO
ASSISTENTE DE MONTAGEM	DOMINIQUE PARIS
ELETRICISTAS	NELSON F. VOCHIKOSKI, RU- BENS F. DE ALMEIDA, JOÃO CARLOS DOS REIS E ODUVALDO BARBOSA
GERADORISTA	CUSTÓDIO SANTANA
DUBLAGEM	COMBATE
DIREÇÃO DE DUBLAGEM	ALLAN LIMA E LUIZ MANOEL
GRAVAÇÃO DA MÚSICA	SONO-VISO
TÉCNICO DE GRAVAÇÃO	TONINHO BARBOSA
ESTÚDIO DE SOM	BARROZO NETTO
SONOPLASTIA	GERALDO JOSÉ
TÉCNICO DE SOM	ALOYSIO VIANNA
LABORATÓRIO DE PROCESSAMENTO	LÍDER (SÃO PAULO)
TRUCAGENS	TRUKA
EQUIPAMENTO DE FILMAGEM	LYNXFILM
DISCOS	BEMOL
SOLISTAS INSTRUMENTAIS	CELSO WOLTZENLOGEL (FLAUTA), ALCEU REIS (VIOLONCELO) e EDNO FRAGA (VIOLÃO)
PRODUÇÃO	LYNXFILM, VILA RICA CINEMA- TOGRÁFICA E EMBRAFILME
DISTRIBUIÇÃO	EMBRASIL

O SOL DOS AMANTES

"Eu vejo é o puro tempo vindo de baixo, quieto mole, como a enchente duma água. Tempo é a vida da morte".

João Guimarães Rosa

Numa manhã chuvosa de 1915, o velho relógio de pêndulo, recostado numa parede da ampla sala de jantar da Fazenda da Gameleira, no Norte de Minas, marcava nove horas e quarenta e cinco minutos.

No quarto de dormir do Coronel Patrício Nunes de Almeida, proprietário da fazenda, notava-se uma movimentação incomum: sua mulher, dona Arminda Nogueira de Almeida, ia dar à luz o primeiro filho do casal.

A seu lado, amparando-a, Vó Sinhana, antiga e dedicada empregada doméstica, limpava o suor do rosto da parturiente, que se contorcia e gemia de dor:

- Ai, ai, minha mãe! Minha Nossa Senhora do Amparo, me ajuda!...

- Calma, minha filha, calma! Vai passar!... - dizia Vó Sinhana, assustada com o sofrimento da patroa.

Doutor Hermanno, médico da família, sem paletó, as mangas da camisa arregaçadas, de colete, gravata borboleta e o relógio de corrente de ouro, fazia exames e tentava acalmá-la:

- Fique calma, dona Arminda!... Fique calma! Está tudo bem!

Enquanto isto, na varanda da casa-grande, de típica arquitetura colonial, Coronel Patrício caminhava de um lado para outro, fumando nervosamente um charuto.

Menos de um quilômetro adiante, em terras da Gameleira, outra mulher, Rita de Cássia, uma agregada, também ia ter uma criança.

A pobreza de seu quarto, na casinha rústica, contrastava, evidentemente, com as dimensões e o luxo austero do mobiliário da casa-grande. Em vez do desvario de dona Arminda, no rosto moreno e bonito de Ritinha, crispado em dor sublimada, parecia haver uma expressão de prazer, quase de orgasmo.

Ativa, muito segura de si, a parteira e amiga, Inhã-Floripa, ia tomando providências para o parto iminente.

- Ainda vai demorar muito, Inhã-Floripa?... - perguntou a agregada, molhada de suor.

- Não faz força agora, minha filha... Espera um pouquinho. Tome um pouco deste chá... - disse a parteira, estendendo-lhe uma caneca.

Simultaneamente, na sede da fazenda, as dores do parto, cada vez mais fortes e frequentes, estavam quase levando dona Arminda à loucura. Encharcada de suor, gritava como uma desesperada, fincando as unhas no braço de Vó Sinhana:

- Ai! Vó Sinhana!... Ó Sinhana!... Não aguento mais!...

A velha, que também já transpirava muito, tentava inutilmente acalmá-la:

- Calma, minha filha... Você vai ficar livre!...

- Tenha calma, dona Arminda! Está tudo bem!... - repetia o médico, enquanto tomava as providências finais.

Na varanda, fumando sempre, o fazendeiro aguardava o desenrolar dos acontecimentos. Quando o choro forte de criança recém-nascida irrompeu pela casa, surgiu em seu rosto uma expressão de alívio e orgulho.

Quase no mesmo instante, também no quarto humilde de Ritinha nascia uma robusta criança do sexo masculino, que a parteira lavou, enrolou em panos e entregou à bela agregada, dizendo:

- Um bezerrão danado de forte!...

Ritinha, exausta, tomou carinhosamente a criança nos braços e comentou, feliz:

- Que menino bonito!...

Na varanda da casa-grande, enquanto isto, Vó Sinhana veio dar a boa nova ao Coronel:

- Coronel!... Nasceu uma menina linda, linda!...

O fazendeiro, que esperava filho homem, não escondeu certa decepção, depressa disfarçada com um sorriso e com a resposta que deu à velha:

- Ora viva!... Uma menina?...

- É, uma menina!

Depois, já entrando na casa, para ir ver a filha, perguntou:

- E a Arminda, como é que está?...

- Está passando bem!...

Mais tarde chegou à casa-grande o capataz Jovino dos Santos, a quem o Coronel informou, já fumando outro charuto:

- A Arminda teve uma menina, Jovino!... E a Ritinha, como foi?...

O capataz tirou o chapéu, em sinal de respeito, e respondeu, sorridente:

- Coronel: a Ritinha teve um menino, forte, bonito!...

O fazendeiro puxou uma cadeira e se sentou, deu outra bafurada e depois comentou:

- Ah!... um menino... Santa, Jovino!

As duas crianças, nascidas naquela manhã chuvosa, foram,

semanas mais tarde, batizadas na capela da fazenda. A menina se chamou Glória Maria, que logo se transformou em Glorinha, e o menino de Pedro Jacinto.

Companheiros inseparáveis de brincadeiras e, desde muito cedo, de cavalgadas pelos campos da Gameleira, Pedro e Glorinha foram crescendo em fraternal convivência, ligados por uma amizade que, com o passar dos anos, se tornou cada vez maior.

Dotado de um temperamento autoritário e com vontade inquestionável, o Coronel era dado a mulheres.

Atraído pela beleza mestiça e sensual de Ritinha, fazia-lhe frequentes visitas à noite, enquanto dona Arminda, transitando, solitária, pelo casarão, concentrou em Glorinha sua única alegria de viver.

Por outro lado, com o passar do tempo, a Fazenda da Gameleira entrou em rápida decadência econômica.

Metendo-se em política e mantendo na fazenda métodos antiquados de cultivo e criação, 18 anos após o nascimento de Glória Maria e Pedro Jacinto, o fazendeiro acabara envolvido por séria situação financeira, com a Gameleira praticamente em mãos do Major Altamiro Fonseca, vizinho e dono de muita terra e um rebanho bovino da melhor qualidade.

Modesto, mas com visão progressista de negócios, o Major, viuvo, vivia com o filho Eduardo na grande e secular casa-grande da Fazenda das Pedras, limítrofe com as terras da Gameleira.

Para amortizar a dívida com o vizinho, Coronel Patrício se individava cada vez mais com um rico comerciante de Pirapora, Raimundinho Peixoto, companheiro de artimanhas políticas na região.

Isto ocorreu, por exemplo, numa quente manhã de 1933, quando o Coronel chamou Jovino dos Santos ao escritório, situado no pavimento térreo da casa-grande, estendeu-lhe um documento e ordenou:

- Pede ao Raimundinho pra trocar este título. Preciso desse dinheiro ainda hoje, pra mandar um "cala-bocazinha" ao safado do Major Fonseca, a quem ando devendo até demais!...

Neste instante, chegando de um passeio a cavalo com Pedro Jacinto, Glorinha entrou quase correndo na sala, o rosto afogueado:

- Bom dia, papai!... Bom dia, "seu" Jovino!...
- Bom dia, dona Glorinha!... - respondeu o capataz, que a menina estimava muito.

- Andando a cavalo, a essa hora da manhã?... - indagou o fazendeiro, quase em tom de censura.

- É... fui levar um queijo pra Sinhá Rita...
E depois se afastou, subindo a escadaria que ligava ao pavimento superior.

O fazendeiro e o capataz caminharam até a porta externa do alpendre.

- E se eu não encontrar o Coronel Raimundinho?... - ponderou o capataz.

- Pode ficar descansado. Falei com ele ainda ontem. Ele

está na cidade. Só se foi pra fazenda... Nesse caso você dá um pulo até lá...

Neste ponto a atenção do fazendeiro foi atraída por uma mulatinha muito jovem, de pernas roliças, que atravessava o pátio.

- A filha do Evaristo está bem furnida, hein?... E gostosa!... - comentou, lascivo, o fazendeiro.

O capataz também examinou a mocinha, que já ia se afastando, e respondeu:

- É... Tá na horinha de aprender vício bom de corpo de homem, Coronel!...

Depois que a mocinha desapareceu por trás das árvores do pomar, o Coronel se voltou para Jovino, e perguntou, maliciosamente:

- Por falar nisto, Jovino... A Ritinha já trata você como marido?...

Jovino, cauteloso, explicou então, meio intimidado:

- É... Já ando dormindo com ela de uns tempos pra cá... Conforme o senhor mandou...

Nesse meio tempo, na cozinha da morada de Ritinha, mãe e filho fazem uma refeição.

Ritinha, com o passar dos anos, envelhecera, ficara mais magra, mas ainda era uma mulher atraente, ao contrário de dona Aminda, cujo sofrimento moral a transformara em figura solitária e amargurada.

Servindo café com queijo a Pedro Jacinto, meio caladão e desconfiado, Ritinha ia dizendo, séria:

- Pedro: preciso falar uma coisa com você...
Pedro bebeu um gole de café e, em seguida, fitou a mãe, preocupado.

- Você não deve sair tanto com a Glorinha!... - continuou a agregada. Será possível que você não vê a diferença?!...

Pedro, então, com nervosismo, protestou:
- Diferença, mãe?!... Acaso eu também não sou gente?!...

Ritinha cortou um pedaço de bolo de fubá, que passou ao filho, e completou:

- É gente sim, meu filho! Mas não deve manter certa intimidade com a família do Coronel!... De uma hora pra outra... Não sei!...

O rapaz bebeu mais um gole de café e depois retrucou, tentando apaziguar a mãe:

- Ora, mamãe!... Glorinha e eu... não tem nenhuma diferença!...

Ritinha se levantou e foi esquentar o bule de café no fogão de lenha, enquanto concluía, irritada:

- Tem sim, meu filho! A diferença entre o pobre e o rico!...

Também na Fazenda das Pedras, do Major Altamiro Fonseca, fatos importantes também estavam acontecendo.

Acabara de chegar da Gameleira, a cavalo, o capataz Edi-

valdo, da inteira confiança do fazendeiro.

Descendo a escadaria da casa-grande, o Major foi ao seu encontro e, antes mesmo que apeasse, perguntou, impaciente:

- Como foi a coisa?!...

Edivaldo apeou, prendeu a rédea no pau da porteira, tirou o chapéu e, meio encabulado, respondeu:

- Ó homenzinho couro n'água!... Negaceou daqui, d'acolá, mas disse que "está certo, que não afobasse não, que ia mandar o dinheiro..."

- Quer dizer que veio sem vintém?! - tornou a perguntar o fazendeiro, agora visivelmente aborrecido.

O capataz, rodopiando o chapéu na mão, abaixou os olhos e, mais encabulado ainda, só disse:

- É...

O Major começou a andar, na direção dos currais, onde se via o gadame forte e numeroso, bem tratado. Ia resmungando, seguido de perto pelo Edivaldo:

- Este Coronel Patrício já está abusando da minha paciência!... Já, já, perco as estribeiras e vou eu mesmo buscar a dinheirama toda, ou então vai ter que me pagar com terra ou gado!...

O capataz, com a prudência de quem conhece o temperamento explosivo do patrão, aconselhou:

- Acho melhor com terra, patrão!... O gado do Coronel está ruim, sentido!...

Antes de entrar no curral, o Major despediu o empregado:

- Pode ir!

Depois ultrapassou a porteira e chegou ao curral descoberto, no qual peões e vaqueiros capavam um boi velho.

Eduardo, que havia observado de longe a irritação do pai, veio ao seu encontro e lhe disse, com certo receio:

- O senhor não deve se matar de preocupação por causa dessa dívida!...

- Já estou com um despropósito de títulos do Coronel Patrício!... Já dava até pra comprar a fazenda aí do lado, do Coronel Chico Ferreira!...

Mas Eduardo insistiu, tentando contemperizar:

- Eu acho que, com diplomacia, o senhor consegue reaver tudo...

O fazendeiro, que não queria discutir o assunto na frente dos empregados, interrompeu o filho, ríspido:

- Depois a gente fala sobre isso!...

Na tarde bucólica da roça, descansavam no alpendre da Fazenda da Gameleira o Coronel Patrício e dona Arminda.

Depois de acender o charuto, o ar pensativo, de quem maututava coisa séria, o fazendeiro olhou se soslaio a mulher, ocupada com o

bordado, calada e melancólica. E então comentou, como para si mesmo:

- Estive matutando uma coisa, e acho que pode dar certo...

Dona Arminda ergueu os olhos, sem parar o bordado, enquanto o marido prosseguia:

- É sobre o filho do Major, aquele que esteve aqui outro dia...

- Acho que sei do que se trata... - só disse dona Arminda, continuando o trabalho.

- O rapaz é meio feioso, magricela, mas vive elogiando a Glorinha... - acrescentou o fazendeiro. Acho até que gosta da menina!...

Dona Arminda, sem a convicção do marido, então disse, cética:

- Disse eu não tenho tanta certeza, mas vocês, homens...

- Eu não me engano!... O rapazola parece jacaré de espia, os olhares melosos!...

- Do lado da Glorinha, não sei... - quase que murmurou dona Arminda. A menina parece meio arredia...

- Toda moça é assim mesmo: não sabe o que quer!... Depois se acostuma!...

Estava pronto para o bote final, depois de circunvolver o cerne da questão. Aproximou o corpo da cadeira de dona Arminda, aticou o charuto com mais fogo e completou, menos do que como sugestão, do que como proposta autoritária, que não admitia contestação:

- Você precisa interceder, Arminda, empurrar a menina, criar situações favoráveis pro rapaz!...

Díálogo também insinuante, difícil, ocorria, quilômetros adiante, na Fazenda das Pedras, entre o Major Fonseca e seu filho Eduardo.

Os dois caminhavam perto da casa, entre os currais e a moenda de cana.

O assunto ainda era a dívida com o Coronel Patrício e o Eduardo, meio sem jeito, temendo o mau gênio do pai, dizia:

- Papai... o senhor permitindo, eu gostaria de ser intermediário nesse negócio...

O Major interrompeu a caminhada para perguntar, meio espantado:

- Você, Eduardo?!... Que diabo de santo argumento você vai arranjar pra arrancar dos bolsos vazios do Coronel aquele dinheiro?! Não tem jeito não! O jeito que tem é penhorar as terras dele!

E fez o movimento de recomeçar a caminhada, mas o filho o deteve pelo braço, aflito:

- Não faça isto!... Olha, o senhor sabe, a Glorinha...

O fazendeiro, cada vez mais surpreendido, exclamou:

- E o que tem a ver a Glorinha com tudo isto?!...

Eduardo, agora francamente embaraçado, ficou alguns segundos em silêncio, olhando a moagem da cana no alambique secular. Mas de-

pois, criando coragem, explicou, gaguejando um pouco as palavras:

- Acho que o senhor sabe que... eu gosto muito da Glorinha...

- O que está dizendo?!... - replicou o pai, perplexo. Gosta da menina?!...

- Gosto!... Sempre gostei, com dívida, ou sem dívida! - explodiu o rapaz, com uma determinação que surpreendeu a si próprio.

O fazendeiro, percebendo a aflição do rapaz, pareceu humanizar-se e retrucou, com menos aspereza, quase conformado:

- Bem, você já é maior de idade, deve saber o que faz! Eu não interfiro nisso! Pra mim só interessa uma coisa: quero meu dinheiro de volta!

Animado com a brecha, Eduardo então explicou:

- Pois aí é que está a chave do problema...

- Não vai querer me dizer, meu filho, que com a Glorinha meus títulos não vão dar com os burros n'água?!...

- Prometo resolver este assunto, papai. Mas preciso da ajuda do senhor!...

Major Fonseca, relaxando a dura expressão do rosto, então prometeu, afetuosamente:

- Sua mãe, Eduardo, morreu há 14 anos, seus irmãos não querem saber da fazenda... Você foi o único que ficou aqui comigo... Eu só quero o seu bem!...

Eduardo, comovido, colocou a mão no ombro do pai e o fitou, reconhecido.

Enquanto, nas duas fazendas, a trama casamenteira se articulava, movida, de um lado, por sentimentos sinceros e, de outro, pelo interesse ardiloso, Glorinha e Pedro saíram, uma vez mais, a galope, pelo chapadão ensolarado.

Era um dia quente e luminoso, com os campos verdejantes, onde o gado ruminava, as cigarras e os pássaros cantavam, a água dos riachos, deslizando mansamente, refletiam nuvens grossas, de desenhos caprichosos.

Os dois jovens, crescidos em cima de arreios, galopavam com perícia, rompendo a distância, eufóricos e felizes como se nada os molestasse.

Parecia haver no espaço uma atmosfera cúmplice que os envolvia amorosamente e, mais tarde, os atraiu com ternura no interior de um bambuzal, que se fechava como a nave de um templo vegetal. Ali foram repousar, ofegantes, da cavalgada desenfreada, e ali se enlaçaram e conversaram:

- Gosto muito de você, Pedrinho!...

- Minha vida é você, Glorinha!... Seu mundo é o meu!

- Agora mesmo, na capela, pedi a São José pra que nunca

me separe de você!...

- Pois ele vai atender seu pedido e proteger o nosso amor!

Glorinha se voltou mais e acariciou amorosamente o companheiro de infância. Depois exclamou, com enorme doçura:

- Pedrinho!... Meu amigo, meu bem!...

E se beijaram, com paixão, estreitando-se mais fortemente nos braços.

Mais tarde, quando regressavam à fazenda, depararam, numa encruzilhada no meio da plantação de milho, com o Coronel Patrício, que inspecionava o trabalho dos empregados.

Ao vê-los chegar pela trilha boiadeira, o fazendeiro não escondeu um grande aborrecimento e perguntou, irritadamente:

- O que vocês estão fazendo por aqui?!...

- Passeando, papai - respondeu Glorinha, com naturalidade, meio assustada com o tom ríspido da voz do Coronel.

E depois completou:

- Nós fomos à invernada...

Pedro Jacinto, para ajudar, interferiu, humilde:

- É... Levei a Glorinha pra conhecer a cria da vaca "Mimososa", que pariu ontem...

O fazendeiro, ouvindo a explicação do empregado, se enfureceu repentinamente, e bradou:

- Não gosto que fale assim diante da menina! Onde já se viu?! Insolente! Pode ir!

Pedro esporeou o cavalo e arrancou, deixando pai e filha para trás.

O fazendeiro saiu em trote lento, seguido pela filha, dizendo:

- Precisamos conversar!

Glorinha, que conhecia muito bem o temperamento prepotente do pai, ficou esperando, calada.

- Não quero mais essas cavalgadas constantes com Pedro Jacinto! Parece até que você não sabe separar as coisas!

Glorinha, que também é voluntariosa, então replicou, exaltadamente:

- Mas papai... Pedro é meu amigo, fomos criados juntos, é como se fossemos irmãos!...

- Ouça bem o que vou dizer: se afaste desse rapaz! Onde já se viu?! Ele é meu empregado, não é?!...

Mas Glorinha, rebelde, não se deixou intimidar e retrucou, desafiante:

- Não vou me afastar de Pedro!

O Coronel, dominado francamente pela indignação, sofreu o cavalo e vociferou:

- Cale essa boca! Ainda por cima com atrevimento! Vai pra casa, e ouça bem o que eu tenho a dizer: você está proibida de falar com

Pedro Jacinto! Entendeu bem?! Proibida!

Com a adesão do pai e, principalmente, a hospitalidade e o estímulo cada vez mais efusivos do Coronel Patrício, Eduardo Fonseca passou a frequentar com assiduidade a Fazenda da Gameleira, causando temor e aflição em Pedro Jacinto, que pressentia o sentido daquelas visitas constantes.

Glorinha, sem meios para se opor à vontade despótica do pai, recebia o assédio de Eduardo com gentileza formal e desinteressada.

Mas o Coronel se entusiasmava cada vez mais com a idéia do casamento, vendo nele a única saída para o buraco em que se metera.

Glorinha pretendia ganhar tempo, convencida de que um gesto impulsivo de rebeldia poderia agravar a situação. Aceitava, conformada, os convites, insuflados pelo pai, para monótonos passeios com Eduardo pela fazenda, seguidos, de longe, pela espionagem atormentada de Pedro Jacinto.

Impaciente pela concretização do projeto matrimonial, o Coronel, certo dia, chamou a filha a seu escritório.

Quando Glorinha, descendo a escadaria interna, percebeu a expressão austera do pai, adivinhou que aquele seria um instante decisivo em sua vida.

Aproximou-se tensa, o coração pressagioso, do fazendeiro que fechou o livro, onde contabilizava sua decadência econômica, e lhe disse, procurando ser amável:

- Glorinha... Vem cá, minha filha. Sente-se aqui.

A moça obedeceu, e ficou esperando, ansiosa.

- Tenho um assunto sério pra tratar com você, filha...

Apesar da emoção que o instante lhe provocava, Glorinha percebeu no pai um certo constrangimento, como se o que ia lhe dizer fosse uma coisa proibida, de que, no íntimo, ele se envergonhava. Mas o fazendeiro, com a prática ardilosa da política, subjugava seus escrúpulos e, depois de um pequeno intervalo, continuou:

- Sabe, estivemos conversando, sua mãe e eu, e decidimos que você deve ficar noiva do Eduardo...

Apesar de, no fundo de si mesma, adivinhar o que o pai ia lhe dizer, Glorinha empalideceu e, contendo as lágrimas, retrucou nervosamente, enquanto o pai, para disfarçar o nervosismo, acendeu o charuto:

- Mas isto é um absurdo, pai!...

- É um excelente partido, um rapaz de grandes virtudes, de ótima família! - prosseguiu o fazendeiro, desconhecendo a reação da filha.

Glorinha, no entanto, espicaçada pela revolta, exclamou com mais ênfase:

- Mas papai, isto é um absurdo! Eu não gosto de Eduardo, e nem estou pensando em casar!...

O Coronel, ouvindo o desabafo da filha, adquiriu uma expressão de desapontamento e irritação, dizendo, peremptório, sem admitir contestação:

- Esse problema de gostar, ou não gostar, você resolve depois! O noivado está decidido!

Transtornada, incapaz de se conter, a moça começou a chorar e disse, nervosíssima:

- Eu detesto Eduardo! Não vou casar com ele!...

O fazendeiro, passando da perplexidade ao estado colérico, levantou-se e, dedo em riste, respondeu à filha, quase gritando:

- Não admito desobediência, Glorinha! É o que melhor convém a você e a todos nós!

Glorinha, em choro convulsivo, deixou atabalhoadamente a sala e subiu a escadaria correndo, enquanto o pai, que dera alguns passos ao seu encontro, acrescentou, furioso:

- E não quero intimidades com os empregados, está me entendendo?!...

Durante alguns dias, encerrada na casa-grande, Glorinha não viu Pedro Jacinto e nem lhe falou, sofrendo em silêncio seu drama pessoal e familiar.

Mas numa certa manhã, aproveitando a ausência do pai, em viagem a Pirapora, mandou selar um cavalo e, avistada de longe por Pedro, saiu em desabalado galope pela estradinha que levava ao topo de um morro.

Burlando a vigilância do capataz, Pedro fez o mesmo, e foi ao seu encalço.

Depois avistou Glorinha, sentada ao pé de uma aroeira, naquele recanto onde, tantas vezes, os dois conversaram em tempos mais calmos.

O rapaz, de um salto, apeou do cavalo e, vagarosamente, se aproximou de Glorinha, que estava recostada no tronco da árvore, séria, melancólica.

Mordido pelo ressentimento, Pedro começou a dizer-lhe, em tom de voz irônico, quase mordaz:

- Meus parabéns!... Eduardo é um ótimo partido!...

Glorinha, tristonha, voltou-se na direção do companheiro e respondeu:

- Não fale assim, Pedro! Você sabe como eu estou me sentindo, forçada por meu pai!...

- Eu não tive essa impressão... Você parecia até muito feliz ao lado daquele rapaz!... Passearam até de mãos dadas!...

- Fiz de propósito - explicou Glorinha - quando percebi que você estava me perseguindo! Não gosto de ser vigiada!...

- Isto é desculpa! - retrucou Pedro, agressivo.

E depois voltou ao tom irônico:

- Mas você tem toda a razão! É um bom casamento pra quem nasceu rica e vai ficar mais rica ainda! O Eduardo é herdeiro de gado e

terra que não acabam mais!... Não é que nem eu, um pé rapado!...

Glorinha ergueu lentamente o rosto e fitou Pedro Jacinto com uma expressão tão sofrida que ele se confundiu, hesitante.

Depois, perplexo, penetrado pelo olhar pungente da moça, compreendendo o grande sofrimento que magoava seu coração, estreitou-a nos braços, enquanto ela dizia:

- Pedro... Pedrinho!... Por favor, me ajude!...

Então o rapaz, movido por enorme ternura, beijou as mãos de Glorinha, seus cabelos, seu rosto, molhado de lágrimas. E a beijou na boca; um beijo desesperado, de amor e angústia.

À noite desse mesmo dia, enrolando em trancinha os longos cabelos da filha, dona Arminda percebeu, com a intuição infalível de mãe e mulher, todo o conflito que a atormentava, toda sua muda revolta, sua impotência diante da tirania do pai.

E lhe disse, com ternura e solidariedade, com o coração também sofrido e maltratado:

- Você gosta de Pedro, não é minha filha?...

- Sim, mamãe... Nascemos no mesmo dia, fomos criados juntos...

Dona Arminda tomou as mãos de Glorinha e, com um olhar de grande doçura e melancolia, prosseguiu:

- Você, minha filha, é a única alegria da minha vida... Não pude ter outros filhos, só quero que você seja feliz...

- Eu tenho duas alegrias, mamãe: a senhora e o Pedro... O papai, a senhora sabe...

Ouvindo-a falar no pai, dona Arminda contraiu o rosto numa expressão de amargura e revolta, que surpreendeu a própria filha. E, ao lhe responder, sua voz se tornou metálica e cortante:

- Seu pai é um homem duro, egoísta, fechado em seu mundo, com vontade de ferro!...

- Com Pedro é diferente, mamãe... Ele é simples, bondoso, e também me ensinou a ser simples...

Dona Arminda acariciou o rosto da filha e voltou a ficar melancólica, em cujo olhar havia qualquer coisa de confuso e opaco. E acrescentou:

- Vocês vão ter um caminho difícil, minha filha! Tenho a intuição de que vão sofrer muito por esse amor... Mas vale a pena: é um amor bonito, como eu não tive!...

Depois, desviando o olhar, no qual havia cansaço e desamparo, acrescentou:

- Por isso fiquei amargurada, solitária, como uma sombra... nesta casa!...

Dias depois, no interior da Fazenda das Pedras, almoçavam solitariamente o Major Fonseca e Eduardo.

Uma preta velha trouxe da cozinha a comida quente, que depositou na comprida mesa de jacarandá.

Enquanto o pai se servia, Eduardo ponderou, com a segurança de quem tomou uma decisão definitiva:

- Estou decidido, papai, e gostaria muito que o senhor concordasse com o meu desejo de casar com a Glorinha...

Major Fonseca deu uma garfada, bebeu um gole d'água e, em seguida respondeu ao filho:

- Não seria uma decisão meio precipitada, Eduardo? Vocês não tiveram muita convivência, não se conhecem bem...

E enquanto cortava a carne assada, continuou, conselheiro:

- Casamento é um passo decisivo, para toda a vida!...

Depois de ouvir as ponderações do pai, Eduardo atalhou, com convicção:

- Neste mundo do sertão não há muita convivência, papai. As pessoas ficam isoladas até que se conhecem e se casam. Eu gosto muito da Glorinha e tenho certeza que o senhor vai me ajudar!...

- Claro, meu filho, claro! - replicou o fazendeiro, batendo a mão, afetuosamente, no braço do filho. Você sabe que faço tudo por sua felicidade! Apesar do Coronel ser meio tratante comigo, dou o meu consentimento. Mas quero que você reflita bem sobre o assunto, para não tomar uma decisão precipitada!...

Algumas semanas depois, exatamente no dia em que Glorinha completava 18 anos, uma grande festa se realizou, à noite, no gramado e no interior da Fazenda da Gameleira.

Perto da enorme e velha gameleira, no pátio fronteiro à casa-grande, havia sido armado um tablado de madeira, decorado com lâmpadas coloridas e bandeirolas presas em varas de bambu.

Ali era o local onde se comemorava, com os empregados, agregados e familiares, a festa de aniversário da filha única do fazendeiro. A poucos metros do tablado viam-se churrasqueiras assando carne de vaca, batata doce e linguiça, enquanto, sobre diversas mesas rústicas, havia com abundância aguardente e refresco de frutas.

Sobre o tablado, ao som de viola, violão, sanfona, tambor e pandeiros, um grupo de jovens, vestidos à moda das festas de São João, cantava e dançava a Catira, enquanto uma multidão de peões, vaqueiros, lavradores, agregados e convidados se divertiam em sua volta.

Veze e outra, subindo e espôncando na noite estrelada, os foguetes do João Mmadeu, de Pirapora, eram um detalhe ruidoso na festa de roça.

Ao fundo, iluminada e festiva, a casa-grande acolhia os convidados e pessoas gradas, como o Major Fonseca e Eduardo, o vigário da paróquia, Padre Aluísio, Doutor Hermano, o Coronel Raimundinho e senhora,

o Luquinha, primo afastado de Eduardo, e a Judith Barbosa, amiga e colega de escola da aniversariante.

Elegantes, afáveis, mandando servir bebidas e guloseimas, o Coronel, muito falante, e dona Arminda, discreta, meio tristonha, faziam as honras da casa.

Só o médico da família, Doutor Hermano, dado às bebidas, sorvia conhaque francês, cujo copo esvaziava com rapidez, colocando-o, depois, bem à vista, para que o Coronel novamente o enchesse.

De fora, amortecidos pela distância, chegavam os ruídos da Catira, de risos, palmas e o foguetório do João Amadeu, enquanto, sentados em sofás, cadeiras de espaldar e no pesado canapé império, rodeado de cadeiras do mesmo estilo, os convidados conversavam.

Num canto, de pé, próximo à porta que dava para o corredor, Luquinha, sempre meio inconveniente, confidenciava a Eduardo:

- Você é um felizardo, primo! Pisgou uma gostosura de menina, hein?...

- Ô Luquinha, veja lá como fala de minha noiva, hein?!...

- E o que é que eu estou dizendo de mais?!...

- Você não tem mesmo jeito!... É um cínico, debochado!...

Mais adiante, sentados numa marquesa um pouco maltratada pelo tempo, Doutor Hermano, já com o copo vazio, comentava para o Raimundinho:

- Ando preocupado com a epidemia de crupe!...

- Pois é... - respondeu, fanhoso, o comerciante e agiota de Pirapora. O Governo não faz nada!... Só sabe criar impostos!...

Num sofá, diante da janela, dona Lúcia, esposa do Raimundinho, conversava com dona Arminda:

- A Glorinha é uma candura... Vai ser um casamento muito feliz!...

Dona Arminda, sem a mesma convicção, redarguiu:

- Foi tão de repente!...

O Coronel, atento às opiniões da mulher, de quem temia um desabafo prejudicial ao noivado, acudiu depressa e, antes que ela falasse alguma inconveniência, opinou:

- Eles vão ser muito felizes, Arminda, eu tenho certeza! Têm muitas afinidades, são jovens, têm a vida inteira pra viver!...

Depois se afastou, para dar atenção ao convidado de honra, Major Fonseca, que se entretinha com o vigário, noutra canto do salão.

- Sente-se conosco, Coronel - exclamou Padre Aluísio, já no terceiro ou quarto copo de licor.

Enquanto o fazendeiro se ajeitava no sofá, ao lado do Major, o sacerdote prosseguiu:

- Sabe, o Coronel Patrício prometeu duas rezes...

Major Fonseca, que vinha sendo assediado para dar uma boa contribuição à igreja, ficou um pouco sem jeito e então prometeu:

- Ora, Padre Aluísio, a situação do país não está nada boa, mas sempre se consegue algum dinheirinho para as obras da nova igreja, não é Coronel?...

- Eu estou sempre pronto para auxiliar a paróquia - respondeu o anfitrião. Podem contar comigo sempre!

Recostadas na janela aberta para a varanda e o pátio da fazenda, de onde se via, no gramado, a festa dos empregados, Judith e Glorinha conversavam, envolvidas pelos ruídos da Catira:

- Conheço você há tanto tempo, Glorinha... Desde a escola. Esse é um dia sempre feliz para a mulher, mas... Não sei... Não vejo alegria em seus olhos...

Glorinha olhou a festa, melancólica, e só então respondeu:

- Agora mesmo eu estive matutando... Nós, aqui dentro, eles lá fora... Mas é lá que eu gostaria de estar, Judith...

- Eu sei porque... É Pedro, não é?...

- Hoje também é aniversário dele, e é lá que eu deveria estar... Mas estou proibida até de falar com ele!...

- É verdade, Glorinha?!... - exclamou Judith, admirada.

- É um absurdo, não é?!...

E, novamente, fixou os olhos no local da festa popular, distinguindo, agora com clareza, o vulto solitário de Pedro Jacinto, recostado num poste de luz:

- Lá está ele, separado de todos... Sinto uma estranha ternura por ele!... Uma coisa muito grande, muito forte, Judith!

- É um rapaz bonito, meio triste, sem maldade e afetação... Neste ponto vocês se parecem muito, Glorinha...

Apesar do ambiente festivo, da cantoria, das danças, da cachaça, que corria solta, dos abraços de parabéns e "votos de felicidades", Pedro sofria, em silêncio, revoltado contra tudo e todos que o deixavam afastado de Glorinha.

Na verdade, o que mais o atormentava era a certeza de que, naquela noite, no interior daquela casa que ele avistava de longe, essa separação seria definitiva, para sempre, quando o noivado fosse oficialmente anunciado.

E, efetivamente, naquele mesmo instante, ao término do jantar comemorativo, o Major Altamiro Fonseca se punha de pé e, em meio ao silêncio geral, começou a falar com solenidade:

- Em nome de meu querido filho Eduardo, tenho a honra de pedir ao Coronel Patrício Nunes de Almeida e sua esposa dona Arminda, a mão de sua filha Glória Maria em casamento. Com isso interpreto os sentimentos de amor dos jovens que hoje assumem esse compromisso!

Glorinha empalidecera, ao ouvir as primeiras palavras do pai de Eduardo, e todo o pedido enfático e convencional penetrou em sua alma como um suplício.

Desviando o olhar do pai para Glorinha, Eduardo, intriga-

do, não conseguia entender aquela expressão de tristeza que via em seu rosto.

Glorinha, na verdade, estava ausente daquela sala, transportada, em pensamento, para a festa dos empregados, dançando, feliz, com Pedro Jacinto. Nem a voz forte do pai, que se levantara para responder ao Major, conseguiu retirá-la de sua fuga imaginativa:

- Com emoção e alegria damos, minha esposa e eu, o consentimento ao honroso pedido formulado pelo Major Altamiro Fonseca...

No gramado, enquanto isto, Pedro Jacinto também estava alheio a tudo. Todo ele, com alma, coração e sentimento, deslocara-se para o interior da casa-grande, onde, enfático, o Coronel prosseguia:

- Com este matrimônio unem-se duas tradicionais famílias desta região, fortalecendo laços de velha amizade, perpetuando os sólidos princípios morais que são o apanágio de Minas e de sua melhor sociedade.

Percebendo, enquanto falava, o total distanciamento da filha, o fazendeiro cravou nela um olhar severo e reprovativo, elevando ainda mais o diapasão de sua voz.

Glorinha, assustada, voltou-se na direção do pai e passou a ouvir sua inflamada oratória:

- Esta aliança reforça nossa luta contra as forças deletérias que vêm de fora para destruir um patrimônio sedimentado no tempo e na história!

Eufórico, estimulado pela própria eloquência, o Coronel então perorou:

- Estou certo de que uma união como essa reforça nossa confiança na vitória das melhores e mais sadias tradições de nossa terra!

Vergou o corpo, apanhou a taça de campagne e, depois, brindou:

- Ergo minha taça pela felicidade de minha querida filha Glória Maria e Eduardo Fonseca!

Todos se levantaram e, com suas taças, voltaram-se beatificamente para Glorinha e Eduardo, brindando e sorvendo gostosamente a bebida francesa.

Fora, na noite festiva, estouravam os foguetes do João Amadeu, mas, no coração de Pedro e Glorinha, só havia revolta e um doloroso sofrimento.

Tarde da noite, quando a festa terminara e os convidados haviam partido, a fazenda ficou mergulhada em grande silêncio, só quebrado, na paisagem repousada, pelos grilos, os sapos e, intermitente, criando mistério e presságio, pelos ganidos de um cão solitário.

No local da festa, perto da gameleira, viam-se pedaços de bandeiras, copos e garrafas vazias, varetas quebradas de churras-

co, sujeira e marcas de pés na grama amassada.

De repente começou a ouvir-se o ruído de alguém caminhando na noite, mais forte quando alcançou o calçamento de pedra, perto da casa-grande.

Em seu quarto, Glorinha, triste e indormida, começou a ouvir os passos que se aproximavam, enchendo-se de uma inesperada emoção. Advinhou de quem eram e toda sua atenção se voltou para a janela entreaberta.

Quando os passos estacaram, sob sua janela, Glorinha escutou, sussurrada, a voz de Pedro Jacinto, chamando:

- Glorinha... Glorinha!...

A moça deixou o leito, chegou à janela e puxou as cortinas.

- Glorinha: preciso falar com você... - murmurou o rapaz, quando a viu. Te espero na internada...

- Está bem... Já vou para lá - respondeu Glorinha, se afastando.

Mais tarde, num recanto aprazível, Pedro Jacinto, recostado no tronco de uma árvore, esperou a companheira de infância.

Ela, de fato, pouco depois veio chegando, silhuetada contra a suave luz da lua. E falou ao companheiro, já muito próxima dele:

- Que loucura, Pedrinho!... Já é tarde da noite!...

- Sei disso, mas queria falar com você!...

Glorinha sentou-se a seu lado e ficou esperando, abatida e melancólica:

- Vou embora daqui, Glorinha, amanhã cedo!... - disse Pedro Jacinto com a voz cheia de ressentimento e amargura.

Glorinha se assustou, ouvindo a notícia inesperada. E respondeu, lamentosa e triste:

- Embora?!... Mas, por que?!...

Pedro voltou-se lentamente para ela e, ironicamente, comentou:

- Por que?!... E você ainda pergunta por que?!... Ou você acha que eu devia ficar para o casamento?!...

- E eu, Pedrinho, vai me deixar sozinha?!...

Pedro voltou à antiga posição, cabisbaixo, sofrido. Depois replicou, com um tom de voz que saiu com tristeza e ironia:

- Sozinha?!... E o Eduardo, seu noivo?!...

Então aconteceu o fato inesperado e extraordinário: Glorinha, compreendendo, afinal, todo o grande sofrimento de seu amigo de infância, levantou-se e desapareceu por trás da árvore.

Pedro continuou sentado, cabisbaixo, entregue à sua prostração.

De repente, trazendo-lhe um enorme espanto, Glorinha ressurgiu, inteiramente nua. E, lentamente, caminhou em sua direção, banhada pelo luar.

Perplexo, comovido até o fundo de suas entranhas, Pedro levantou-se, fixando nela um olhar de deslumbramento e surpresa.

Glorinha estava radiosa, transfigurada pelo amor e pela entrega.

Pedro avançou um passo, estreitou-a nos braços, acariciou seus cabelos, seu rosto, seu colo. Depois beijou-a longamente na boca, ergueu-a do chão e, com enorme ternura, estendeu-a na grama. Em seguida, também se despiu, colocou-se a seu lado, beijou e acariciou seu corpo, dos pés à cabeça. Até que, dominado pela paixão e a sensualidade, a trouxe para si e a possuiu.

Glorinha, retendo a dor da posse e se entregando a um enorme prazer, à medida que ia sendo penetrada, fincou as mãos na grama do chão. Depois, no instante do intenso orgasmo, retirou-as do chão, as unhas cheias de terra e capim, ergueu-as e, em seguida, deixou-as cair sobre o corpo nu do amante.

Agora não era mais virgem e Pedro se havia apossado de seu destino.

Quando, mais tarde, surgiram, ainda indefinidas, as primeiras luzes da madrugada, o chapadão dos Gerais já ecoava as patas de dois cavalos ferindo o chão, galopando por trilhas e caminhos, deixando um rastro de poeira que o clarão do sol dourava na linha do horizonte.

Pedro e Glorinha haviam escapado da opressão e iniciavam sua grande aventura. Retinham com força a rédea dos cavalos, rompiam a distância, fugindo com seu grande amor e sua liberdade.

Em sua volta o chapadão interminável ia sendo pouco a pouco inundado pela luz amanhecendo, crescendo, na linha sinuosa do horizonte, a contra-luz avermelhada do sol, diante da qual avançavam, silhuetados contra o céu, os dois amantes.

Depois, quando o sol ultrapassou o limite da montanha e foi surgindo, tudo ficou mais nítido, as sombras se dissolveram e as cores do sertão renasceram, fortes e duras.

Evitando os caminhos mais trafegados, os dois fugitivos embrenhavam-se no carrascal e nas trilhas boiadeiras do chapadão. E galoparam até o limite de sua resistência, cavalos e cavaleiros encharcados de suor, castigados pelo sol cada vez mais forte.

Enquanto isto, na fazenda, descobrindo a fuga da filha, o Coronel, com feições transtornadas, chegou à varanda e, amparando-se na balaustrada, gritou forte, chamando o capataz:

- Jovino!... Jovino dos Santos!

O capataz chegou a galope, apeou do animal e subiu depressa a escadaria, enquanto o fazendeiro, aflitíssimo, perguntava:

- Onde está o Pedro Jacinto?! Está em casa?!...

- Está não, Coronel!... Não sei onde foi!... - respondeu

o capataz, muito espantado.

- Deus do céu! Ele deve ter fugido com a menina! - opinou o fazendeiro, empalidecendo.

- Com a Glorinha?!... Virgem Nossa Senhora!

- A menina não está em casa! Dê uma busca pela fazenda, depressa! - ordenou o Coronel, com um resto de esperança.

- Sim senhor! - disse o capataz, já se virando para partir. Mas o fazendeiro o chamou:

- Jovino!

- Senhor!

- Cuida bem pra que ninguém saiba disso!

- Está bem, Coronel!

O capataz se afastou, enquanto o fazendeiro ficou parado no mesmo lugar, falando para si mesmo:

- Que loucura! Só comigo acontece uma coisa desta!...

Depois voltou à varanda e viu dona Arminda vindo ao seu encontro, preocupadíssima:

- Soube de alguma coisa?...

- O Pedro também não está em casa!...

E continuou a andar, seguido pela mulher, arrasada, enquanto dizia:

- Eles fugiram! Eles fugiram! Que loucura! Não podiam fazer uma coisa dessa, não podiam!

Entrou na sala de jantar, caminhando apressadamente, gesticulando muito, seguido sempre por dona Arminda:

- Eu devia ter contado, assim teria evitado uma loucura dessa!...

Dona Arminda apressou o passo e, detendo o marido pelo braço, perguntou espantada:

- Contado o que, homem de Deus?!...

O fazendeiro se desvencilhou dela e recomeçou a andar, na direção da escadaria que levava ao escritório, dizendo confusamente:

- Nada, Arminda!... Não é nada não!...

Dona Arminda desistiu de acompanhá-lo e ficou parada, diante de um velho oratório, perplexa, desnorteada.

O Coronel desceu trêmulo os degraus da escadaria e chegou ao escritório, indo jogar-se, arrasado, numa cadeira. E ali ficou, durante longo tempo, meditando sobre aqueles terríveis acontecimentos.

Depois, inopinadamente, acordando do torpor, como se descobrisse a saída para a crise inesperada, levantou-se e, resoluto, foi até a porta do pavimento térreo e mandou chamar os três homens de sua confiança: João Pereira, Firmino e Zé Pinto.

Dona Arminda, por sua vez, chegou ao quarto de dormir e, ~~de~~ de joelhos, ficou rezando diante da imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Minutos depois, carregando suas armas e punhais, chegaram

os três jagunços, aos quais falou o fazendeiro, abalado:

- Pedro Jacinto raptou minha filha! Vocês vão atrás dele! Peguem os melhores cavalos na cocheira e me tragam Glorinha até amanhã cedo, de qualquer maneira!

O João Pereira, com a cara cheia de rugas fundas e uma expressão fria e cruel, então perguntou, respeitoso:

- E o rapaz, Coronel?!...

O fazendeiro respondeu, implacável:

- Dê sumiço no corpo daquele vagabundo!

Aí o Firmino, um cafuso, forte, os cabelos lustrosos e uma expressão depravada, estranhou:

- Dar sumiço nele, "seu" Coronel?!...

- Isso mesmo! - confirmou, colérico, o fazendeiro.

Mesmo assim o Zé Pinto, um nordestino baixo e atarracado, de cabelos grisalhos, perguntou, cabobalhado:

- No filho do... do Jovino?!...

O Coronel então repetiu, enfurecido, quase gritando:

- Isso mesmo! Dar sumiço, liquidar!

João Pereira, sem mais nada o que dizer, concluiu:

- O senhor é quem manda, Coronel!

- E aviem-se daqui, depressa, para não perder mais tempo! - ordenou o fazendeiro, voltando ao interior da casa.

No quarto de dormir encontrou dona Arminda e lhe disse:

- Mandei buscar os meninos! Que trapalhada, Arminda!...

E se o Eduardo ficar sabendo?!... Vai tudo por água abaixo!...

Dona Arminda, muito exaltada, deu um passo à frente e, com uma energia inesperada, exclamou:

- Você se preocupa mais com o Eduardo do que com sua filha! A culpa é sua! Você obrigou Glorinha a fugir!

O fazendeiro, quase intimidado, comentou:

- Mas não podiam fazer isto!...

- Por que não podiam?! - perguntou a mulher, desafiante.

- Porque é impossível! Já disse que não podiam!

De súbito, descontrolada, dona Arminda atalhou, com voz metálica:

- Por que?!... Por que o rapaz é pobre, é filho de empregado?!...

- É porque eles são... - ia dizendo o fazendeiro. Mas se conteve e, dando-lhe as costas, se afastou, resmungando:

- Ora, Arminda!...

Enquanto isto, voltando do pasto, Jovino dos Santos avistou na estrada, em doído galope, os três jagunços do Coronel. Foi para um canto, dando passagem, enquanto o João Pereira, Firmino e Zé Pinto passaram diante dele à toda brida, as armas reluzindo ao sol.

Jovino compreendeu tudo e voltou depressa à fazenda, indo

diretamente à casa de Ritinha, onde encontrou também Inhá-Floripa. E disse, afobado:

- O Coronel mandou o João Pereira, Firmino e Zé Pinto buscar o Pedro e a Glorinha!

Ritinha ergueu-se, apavorada, e exclamou:

- Minha Nossa Senhora! Vão matar o Pedrinho!...

- Sem dó, nem piedade! - falou o Jovino, sombrio.

A agregada apertou, então, os braços do capataz e, desesperada, suplicou:

- Pelo amor de Deus, Jovino! Não deixe acontecer nada com o meu filho!...

O homem então se decidiu e, antes de ir para o interior da casinha, prometeu:

- Fique sossegada, Ritinha!

E foi buscar, no quarto, a carabina, o revólver e o capotão de viagem.

Quando voltou à saleta, Inhá-Floripa sugeriu, solidária:

- O Clodoaldo pode ir com você, Jovino!

- Não precisa não, Inhá-Floripa! Obrigado!

Depois garantiu à Ritinha, categórico:

- Não vou deixar fazer mal ao menino!

E saiu, desamarrou a rédea do cavalo, montou e partiu num galope feroz.

Iniciou-se, então, nesse ponto, uma dupla e tenaz perseguição: de um lado, dispostos a cumprir as ordens do patrão, os três jagunços, armados até os dentes; de outro, decidido a defender os dois fugitivos, um homem de coragem, temido e respeitado, atrás dos perseguidores.

Quatro homens rudes, com suas armas engatilhadas, rasgaram o chapadão agressivo, em busca de dois jovens, cujo mal fora se opor ao despotismo e defender seu direito ao amor e à liberdade.

Um tropel inquietante ecoou por aquelas paragens escaldantes, rompendo o silêncio dos campos, ferindo o chão poeirento, calando pássaros e cigarras, cruzando as trilhas desérticas do sertão.

Bem adiante, em galope mais lento, Glorinha, exausta, pediu ao companheiro para descansar um pouco. Mas Pedro explicou, precavido:

- Daqui a pouco escurece, Glorinha. Então a gente pára pra descansar! Precisamos ganhar mais distância! O Coronel, na certa, mandou gente atrás de nós!

Glorinha concordou e, mais adiante, quis saber:

- Será que o Jovino também veio atrás de nós?... Ele teria coragem de fazer mal à gente, Pedrinho?!...

- Meu pai obedece ao Coronel, como um cão! O Coronel risca, ele corta! Dá o revólver, ele atira!

Depois, tocando a coronha do revólver, assegurou, com firmeza:

- Se for preciso, enfrente até meu pai!... Mas a gente não volta!...

E seguiram em frente, os cabelos tangidos pelo vento, silhuetados contra o sol que já ia baixando.

Quilômetros atrás, pingando suor, caladões, o olhar duro, fincado na distância, João Pereira, Firmino e Zé Pinto galopavam sempre, botando poeira nas árvores ressequidas à beira da estrada.

Quando chegaram a uma encruzilhada, Firmino, atilado, examinou o chão e opinou que os fujões deveriam ter seguido pela direita. Mas o João Pereira, que gostava que sua opinião prevalecesse, mandou que seguissem pela esquerda.

Pouco antes, na verdade, o Jovino havia passado por lá, vira as marcas deixadas pelos cavalos de Pedro e Glorinha e, deliberadamente, para despistar, colocara outras na direção errada.

E agora o capataz cavalgava na direção certa, rumo do Ibiaí.

Pouco antes do anoitecer, já bem distanciados da fazenda, Pedro e Glorinha se refrescaram num riacho e foram descansar no interior de uma igreja em ruínas. Ali, no lusco-fusco da noite, armaram as redes tecidas de seda de buriti, e nelas se estenderam para passar a noite.

- Estou cansada, Pedrinho... - disse Glorinha. E esta rede está me dando um sono danado!...

- Amanhã cedo a gente segue rumo do São Francisco - prometeu o rapaz. Se tivermos sorte de pegar o "gaiola", a gente chega depressa à Bahia...

- E lá vamos ter a nossa casinha - acrescentou Glorinha, carinhosamente.

- Onde vão nascer os nossos filhos...

Ficaram algum tempo em silêncio, ouvindo os grilos, os sapos, os ruídos misteriosos do fundo da noite.

Depois Pedro comentou, afagando o rosto de Glorinha:

- Fico com pena de você, fora de casa, sem conforto...

- Estou aqui porque gosto de você... Com você tudo me faz feliz!...

Exausta, Glorinha então bocejou, fechou os olhos, sonolenta. E adormeceu.

Horas depois, noite alta, quando os dois dormiam profundamente, um vulto surgiu do meio do mato. No escuro, mal se distinguia sua figura estranha e esquelada, de cabeleira comprida e suja. Levava um cajado e um bernal pendurado do pescoço.

O desconhecido, parecendo um andarilho, subiu o degrau de pedra e penetrou no adro da igreja, aproximando-se dos cavalos, evitando fazer ruído. Os animais ficaram então inquietos e relincharam.

O homem olhou na direção do lugar onde Pedro e Glorinha

dormiam, extenuados, e afagou o pescoço dos animais, acalmando-os.

No dia seguinte, quando o orvalho ainda pingava, Pedro e Glorinha se levantaram e ficaram sabendo, acabrunhados, que seus cavalos haviam sido roubados.

E continuaram a pé sua longa trajetória pelo sertão, a caminho do São Francisco. Revigorados pelo repouso, seguiram com disposição pelo cerrado.

Cedo, no entanto, o terreno foi ficando pedregoso, com alagadiços e veredas, transformando-se, para os dois, num calvário extenuante.

Nesse meio tempo, varando o chapadão, João Pereira, Firmino e Zé Pinto, que também haviam descansado à noite, continuaram, implacáveis, a perseguição.

Perto deles, depois de dobrar um serrote, Jovino ouviu o tropel dos três homens e, depressa, foi se esconder num capãozinho de mato.

Depois que os jagunços passaram, sem pressenti-lo, o capataz deu meia-volta, desceu uma pirambeira e pegou um atalho arenoso.

Enquanto isto, à mesma hora, Eduardo Fonseca chegava à Fazenda da Gameleira.

O Coronel, assim que o viu, disfarçou o aborrecimento e foi ao seu encontro, exclamando em falsa cordialidade:

- Meu caro Eduardo!...

- Bons olhos o vejam, Coronel!... - exclamou Eduardo, afetuoso.

- Sente-se ali, por favor!...

- Obrigado. Mas só vim dar uma palavrinha à minha noiva... - informou o filho do Major.

O fazendeiro coçou um pouco a cabeça e, meio sem jeito, explicou:

- É isto o que me preocupa!... A Glorinha seguiu viagem hoje cedo para Pirapora, com a mãe... Foram comprar aviamentos para o enxoval...

- Mas ela devia ter falado comigo... - estranhou o rapaz. Eu levava no automóvel...

- Sabe como são as mulheres!...-acrescentou o fazendeiro, indo recostar-se na balaustrada do alpendre. Elas queriam seguir viagem hoje cedinho...

Nesse exato instante, dona Arminda vinha subindo a escadaria. Ao avistá-la, o Coronel ficou completamente desconcertado e balbuciou, na maior das confusões:

- Ué... A Arminda já voltou?!...

Percebendo que a mulher ia se embarafustar pela sala de visitas, fugindo do rapaz, o fazendeiro chamou, diante do espanto de Eduardo:

- Arminda... Você não foi com a Glorinha?!...

Dona Arminda, pálida, mais magra e abatida, veio vindo,

acercando-se dos dois homens.

Depois, como se uma vaga esperança a reanimasse, balbuciou, sem entender bem:

- Ah, sim... Eduardo... A Glorinha... ela já voltou?!...

- Pensei que você tivesse ido com ela para Pirapora... - gaguejou o Coronel, desorientado. Ela foi com a Judith, não é mesmo?... Judith!...

Dona Arminda, com expressão pungente e estranha, o olhar vago, de quem vai perdendo a razão, arrematou, com voz débil:

- Ah, sim... Foi sim, não é Patrício?...

Antes de ganhar o interior da casa, ainda disse:

- Com licença...

Confuso, achando aquilo tudo muito esquisito, Eduardo confessou:

- Não estou entendendo nada, Coronel!...

- Estava certo que ela tivesse ido com a mãe... Saiu bem cedinho... Coisa de mulher, você compreende, de mulher...

Ficaram algum tempo em silêncio, na atmosfera constrangedora e difícil. Depois o rapaz falou, sombrio:

- Bem, vou indo...

O fazendeiro ainda tentou consertar a situação:

- Não vai esperar a Glorinha?... Acho que ela não vai demorar!...

Eduardo apertou friamente a mão do Coronel e respondeu:

- Não, obrigado!... Volto depois!

Deu meia-volta e se afastou, enquanto o fazendeiro ainda balbuciou:

- Eduardo...

Distante dali, no chapadão escaldante, os três jagunços, pingando suor, estavam atravessando vagorosamente um povoado, passando diante de alguns carvoeiros que queimavam lenha em fornos rústicos.

João Pereira e Firmino seguiam um pouco à frente, enquanto o Zé Pinto, de rédea bamba, sonolento, dormitava em cima do cavalo.

- Éta fim-de-munho fedazunha! - xingou o João, cuspiendo de nojo. Onde se tacaram esses sem-vergonhos?!...

O Firmino, de camisa aberta, suando mais do que os cavalos, reclamou:

- Já campeamos esses lugares muitas léguas e nada deles!

Depois, apalpando o pênis e os culhões, comentou:

- E esse fofecho do animal, esquentando os meus baixios, vai me dando um tesão disgramado!...

Animando-se de repente, voltou-se para o companheiro e propôs, as narinas dilatadas:

- Ô João Pereira: vamos parar neste povoado mode pegar umas donas?...

- De jeito nenhum! - respondeu o chefe do grupo, mal-humorado. Diabo! Guarda o tesão pra depois, homem!...

O Firmino fechou a cara, chateado. Depois olhou para trás e, avistando o Zé Pinto, cai-não-cai, começou a rir, chamando a atenção do João Pereira. E foram cercar o dorminhoco.

- Ô Zé Pinto!... Tá dormindo, sô?!... - gritou o Firmino, às gargalhadas.

Acordando, assustado, com o grito do companheiro, o Zé Pinto firmou-se no selim e respondeu, puto da vida:

- Que que há?!...

- Ô mocorongo! Cê ainda cai desse cavalo, bestalhão!...

Aí o Zé Pinto enfezou e quase sacou o revólver, replicando, aos berros:

- Bestalhão é ocê, filho de uma égua, puta que pariu!

O João Pereira, com medo de que a brincadeira degenerasse em briga feia, interveio, metendo-se entre os dois e exclamando, autoritariamente:

- Para com isso! Que merda! Vamo s'imborá, sô!...

Os três arrancaram, levantando nuvens de poeira que, aos poucos, foram se misturar à fumaça que subia dos fornos de carvão.

Outros dissabores vieram tumultuar, a Fazenda da Gameleira, no dia seguinte à desagradável visita de Eduardo Fonseca.

Com indisfarçável aborrecimento, o Coronel avistou, da varanda, a charrete do Major Fonseca que ultrapassava a porteira, trazendo pai e filho.

Apesar de pressentir coisa ruim, o Coronel desceu a escadaria e foi recebê-los, plantando no rosto o melhor sorriso que pôde encontrar.

- Ora, ora!... Meu compadre e amigo, que prazer!... - disse, no pátio, estendendo a mão.

- Já sabemos de tudo! - replicou irritadamente o Major, recusando o cumprimento. Sua filha fugiu com aquele safado!...

O Coronel, desnorteado, contendo a raiva, tentou explicar:

- Fugiu não!... Foi raptada!... E já mandei buscar!...

O Major, cada vez mais exaltado, retrucou:

- Pensa que somos idiotas?! A menina está desonrada!

Depois, com atrevida insolência, apontou o dedo para o rosto atoleimado do Coronel, e continuou:

- E fique sabendo que não tem mais noivado!

Era demais para os brios do Coronel que, com o sangue fervendo, subitamente explodiu em gritos que ecoaram pelo vale:

- Escute aqui, "seu" coisa! Veja lá como fala comigo, "seu" ~~meu~~ filho de uma égua!!!

O Major, que recuara alguns centímetros, meio intimidado,

voltou à carga e, estimulado pela presença do filho, readquiriu a coragem e deu o troco:

- Filho de uma égua é você, "seu" caloteiro!!!

Nesse ponto o chiado forte de um carro-de-bois, chegando ao pátio, abafou os gritos dos dois contendores, impedindo que os empregados, nas imediações, e dona Arminda, no interior da casa-grande, continuassem a ouvir a discussão.

Elevando mais a voz, para cobrir o ruído do veículo rústico, os dois continuaram sua violenta altercação:

- Cai fora daqui, vagabundo! - berrava, possesso, o Coronel, dedo em riste. Fora das minhas terras! Vai andando, "seu" bosta de cavalo!! Fora das minhas terras!!!

- Suas terras uma pinóia! - Bradava o Major. Não tomei esta merda de pena, a pedido de meu filho!

Calado, lívido, profundamente constrangido diante da terrível vociferação dos dois fazendeiros, Eduardo Fonseca não sabia onde colocar as mãos: ora nos bolsos, ora atrás das costas, ora tirando o casquete e, em certo ponto, até tocando o braço do pai, dizendo, com voz tímida:

- Vamos embora, papai...

Mas o Major ignorou a intervenção do filho, atento ao Coronel, que o desafiava, esbravejando:

- Quero ver se toma! Não tem culhão, "seu" frouxo!!!
Aí o Major, no mesmo tom de valentia e audácia, contra-atacou:

- Tenho culhão e hipoteca desta merda toda! Ou você paga o que me deve, ou entro na Justiça e executo esta porcaria!!!

Deu meia-volta para tomar a charrete, mas, antes de subir, ainda disse, com voz possante:

- Dou prazo até amanhã! Nem mais um dia!!!

Subiu na charrete, com o filho, chicoteou com raiva o cavalo e se afastou, enquanto o Coronel, completamente arrasado, voltou lentamente à casa-grande.

No dia seguinte, Pedro e Glorinha atravessaram um terreno alagadiço, difícil, já ao entardecer.

Os dois avançavam devagar, temendo afundar no brejão coberto de vegetação rasteira, cipós, musgo e folhagens lacustres.

Quando avistaram, mais adiante, um riozinho correndo manso, perto de uma vereda juncada de buritis, foram tomados por uma alegria infantil e, com o mesmo pensamento, começaram a se despir.

- Você parece um bicho do mato, de tão suja!... - disse Pedro à companheira. Precisava mesmo se banhar!...

Lavaram primeira roupa, que puseram para secar sobre uma pedra e, em seguida, mergulharam no riacho, jogando água um no outro,

rindo e brincando como duas crianças.

Depois Glorinha foi se deitar na areinha da beira, e ficou com o corpo metade dentro d'água, metade fora, dizendo, refrescada, feliz:

- Quando eu era menina minha mãe me dava banho... Era tão gostoso!...

Pedro se aproximou e, sentando-se no raso da água clarinha, começou a limpar os cabelos da moça, retirando folhas e outros detritos, enquanto respondia:

- Pois agora eu sou sua mãe... E vou banhar você...

Lavou, então, o pescoço, depois os ombros, os braços e, delicadamente, o colo e os seios adolescentes da moça, entumecidos ao contato acariciante da mão.

- Gostoso, Pedrinho!... - dizia, deliciada, Glorinha.

Pedro foi descendo a mão, banhando o ventre, retirando o sujinho formado pela poeira e o suor.

Quando sua mão se aproximou do púbis, a respiração de Glorinha ficou mais forte, excitada pela carícia epidérmica. E ela murmurou, estremecendo:

- Pedrinho... Pedrinho, está tão gostoso!...

Depois pediu, sensual, amorosamente:

- Me beija, Pedrinho!...

O rapaz, também excitado, estendeu-se ao lado dela e começou a beijar e a lamber delicadamente o corpo de Glorinha, descendo por ele: o rosto, os seios, os braços, as coxas e, finalmente, a vulva, enquanto ela, com intenso prazer e uma ternura sexual que a transfigurava, dizia, num sussurro de delícia:

- Gostoso!... Estão tão gostoso, Pedrinho!...

Depois perguntou, nos limites do orgasmo:

- Gosta do meu corpo?...

- Gosto muito!...

- Então beije todo ele, Pedrinho!...

Longe dali, no tabuleiro ardente do chapadão, João Pereira, Zé Pinto e Firmino descansavam, à sombra de árvores ressequidas.

Perto, livres dos arreios, os três cavalos pastavam o capim raquíptico e o cicici de uma cigarra era um som agudo e monótono na paisagem sertaneja.

Zé Pinto, recostado no tronco de uma arceira mirrada, afinava uma lasca de galho com o canivete, enquanto o João Pereira, sem os sapatos, repousava na rede, amarrada entre dois troncos, fumando um cigarro de palha.

Noutro canto, caladão, o Firmino chupava laranjas.

Zé Pinto, que estava meio pensativo, de súbito se voltou para o João Pereira e perguntou, preocupado:

- Você vai ter coragem de nadar o filho do Jovino, João?

O pistoleiro soltou a fumaça do cigarro e estranhou:

- Uai, Zé Pinto! Não foi essa a ordem que o Coronel deu?!... Não é pra isso que ele paga a gente?!... Foi quando o Firmino, chupando sempre as laranjas, mas prestando atenção à conversa, sugeriu, com a boca cheia:

- Óia... Se ocês tão com cerimônia... de fazer o serviço, pode deixar que eu faço!...

Deu mais uma chupada e então completou, com malícia descarada, fazendo gestos obscenos:

- Só que a paga vai ser ocês deixar eu levar a moça na garupa do meu baio!... Ploc-ti-ploc, ploc-ti-ploc...

Zé Pinto não gostou de forma alguma da proposta e ficou soturno, contendo a raiva, enquanto o João Pereira, calmo, frio, ameaçou:

- Depois a gente vai atrás d'ocê, Firmino!... E o Zé Pinto é que vai dar o tiro!...

O Firmino não se abalou. Apertou o bagoço da laranja, engoliu o resto de suco e só então respondeu, com a cara fechada e cínica:

- Só que não vai ser fácil não!...

Aí o Zé Pinto, façanhudo, de cara feia, sacou depressa o revólver, apontou para o Firmino e comentou, calmamente:

- Não vai ser fácil o que, homem!... Esse pau-de-fogo aqui já levou muito valentão pro beleléu!...

Mas o Firmino, de relance, apanhou também a Winchester e se defrontou perigosamente com o companheiro, gritando:

- Quer tentar?!

Percebendo a iminência do tiroteio estúpido, o João Pereira, mais rápido ainda, abaixou a carabina do Firmino com o pé e, com a mão, desviou o revólver do Zé Pinto, grunhindo, raivoso:

- Épa!... Vão parar com essa conversa de boi dormir?!... Merda! Diabo!...

Enquanto isto, sujo de poeira e ensopado de suor, o Jovino ia galopando pelo cerrado, seguindo as pistas dos fugitivos. Até que chegou ao riacho onde os dois, pouco antes, estiveram se banhando. Quando descobriu as marcas deixadas pelos meninos, saltou do cavalo e, com água, foi desfazê-las. Depois tornou a montar e partiu, no rumo certo.

Mais adiante, próximos do rio São Francisco, Pedro deixou Glorinha estendida à sombra de uma mangueira e foi encher o cantil num riacho cheio de pedras e calhaus.

Quando, depois, ergueu a cabeça de Glorinha, para ajudá-la a beber, exclamou, assustado:

- Você está com febre, meu bemi!... Preciso buscar remédio no povoado!...

- É perto?... - perguntou Glorinha.

- Pertinho. Primeiro vou te esconder ali no mato, lugar onde cavalo não chega...

Ajudou-a a se levantar e disse:

- Ven...

Levou Glorinha a um socavão arborizado, onde ela se estendeu, e foi ao povoado.

Não muito longe dali, pressentindo, talvez, o perigo que rondava os dois jovens, agora fugindo a pé, Jovino desembestava pelos campos e pastos, cada vez mais aflito.

Quando Glorinha, na sombra repousante das árvores, já começava a dormir, o corpo doído, o rumor de patas de cavalos se aproximando despertou-a, de súbito, e a assustou.

Fixou a atenção e percebeu que eram dois ou três homens cavalgando.

Ergueu-se, muito afobada, e se meteu mato a dentro. Só que, pouco adiante, descendo um barranco, tropeçou na raiz de uma árvore e rolou na pirambeira até o fundo de um buraco.

Mais além, efetivamente, João Pereira, Firmino e Zé Pinto estavam chegando pelo meio do curso d'água, no mesmo lugar onde, minutos atrás, Pedro enchera o cantil.

E se aproximaram do recanto onde Glorinha estivera descansando.

Meio desconfiado, percebendo sinais no chão, o João Pereira mandou o Firmino dar uma espiada no mato.

O pistoleiro, afastando galhos com a mão, examinou o lugar, mas não conseguiu avançar muito no matagal espesso, e nem viu a Glorinha no fundo do buraco. Voltou para junto dos companheiros e disse:

- Aqui não tem ninguém não!...

E propôs ao Zé Pinto:

- Não era bom dar uma olhada lá em cima, Zé Pinto?...

O João Pereira discordou:

- Os moleques não passaram por aqui não! Não tem marca de cavalo! Vamos s'imbora!...

Uns cem metros adiante, voltando do povoado por uma estrada de terra, Pedro Jacinto divisou, entre a folhagem, os três jagunços subindo a ribanceira. Muito assustado, só teve tempo de se jogar numa cavidade do mato e se esconder, enquanto os capangas passaram conversando, às gargalhadas:

- Já pensou, Firmino - dizia o Zé Pinto - a filha do Coronel fugida com empregado?!...

O Firmino, imundo, dando risadas boçais, opinou:

- Os dois estão fodendo em cima da honra do Coronel!...

Foi quando o João Pereira interveio:

- É... Esse Pedro Jacinto ficou foi doído varrido mesmo!...

- E a mulher do Coronel - acrescentou o ^{Zé Pinto} ~~capangas~~ - que já não era boa da mioleira, agora imagina só como deve estar!...

O Firmino então completou, aporcalhado:
- Cê já viu só?... Também com um tampinho novinho daquele!...

E se afastaram, soltando gargalhadas.
Pedro Jacinto, livre do perigo, saiu depressa à procura de Glorinha.

Quando a moça divisou seu vulto, no alto do barranco, começou a chamar, aflita:

- Pedro!... Pedrinho... Estou aqui, Pedro!...
O rapaz, no meio do mato, tentava localizar a companheira, aflitíssimo:

- Glorinha, onde você está?!...
- Aqui!... Aqui no fundo!... Me ajuda aqui, Pedrinho! Cai no buraco!

Pedro então a viu e desceu afobadamente a grotta escurada, saltou no buraco, levantou Glorinha e a abraçou, desesperado:
- Não está machucada, Glorinha?!... Que susto você me deu, meu bem!...

A moça, numa explosão de alegria, beijava-o, chorando, enquanto explicava:

- Estou bem, Pedrinho!... Graças a Deus que você chegou! Aqueles jagunços quase me pegaram!...

Quando o navio-gaiola "São Francisco" desatracou e, lentamente, se afastou do embarcadouro de Ibiá, Pedro e Glorinha foram sentar-se, aliviados, em caixotes encostados na amurada do primeiro convés. Perto deles, num pequeno espaço mais para a popa do navio, aglomeravam-se os passageiros de segunda-classe, numa incrível promiscuidade.

Glorinha, muito cansada e feliz, repousou o rosto no ombro do companheiro, que a enlaçou amorosamente. E ficaram apreciando a paisagem do grande rio, com suas águas barrentas, as margens com muitas palmeiras e buritis, enquanto, perto deles, um passageiro começou a dedilhar uma viola sertaneja.

Os viajantes se acotovelavam no convés, perto da casa de máquinas, de onde evolava um tremendo calor. Sentados em malas, caixotes e carga, ou estendidos em redes que formavam um denso trançado, ali se viam, com suas caras tristonhas, gente de toda espécie, suja, pardacenta, fumando cachimbo ou cigarro de palha, com chapéus de palha, ou de carnaúba, de calça e camisa, alpargatas, bentinho ao pescoço, pajeú à cinta, falando, cantando, chamando as crianças de "bichinhos", conformados com a miséria.

Chegando da torre-de-comando, o Comandante do navio, um homem baixo e gordo, barbudo e com cara simpática, ia descendo a escadinha de ferro quando o imediato, um mulato de voz grossa, veio dizer, apontando na direção de Pedro e Glorinha:

- Comandante:aquele casal eu conheço. É a filha do Coronel Patrício, de Pirapora, que fugiu com um empregado, filho do capataz!...

O Comandante observou o casal, agradeceu a informação, desceu os últimos degraus e foi interrogá-los.

Vendo-o chegar, Pedro e Glorinha se levantaram, assustados.

- Bom dia - disse Pedro, encabulado.

- Vão para a Bahia?... - perguntou o oficial, sem nenhuma animosidade.

- Vamos sim senhor... - respondeu o fapaz.

- De Minas?... - tornou a perguntar o tripulante.

Glorinha, afobada, já ia dizer de onde vinham, mas o Pedro atalhou, depressa:

- De Curvelo... Vamos visitar uns parentes, em Juazeiro...

- Viagem longa, hein?... Posso ver as passagens?...

- Pois não - disse Pedro, procurando no bolso da calça.

Mas não as encontrou e, já aflito, vasculhou de novo os

bolsos, explicando:

- Uai, estavam aqui, agora mesmo!... Você guardou, Glorinha?...

Glorinha então se lembrou. Abriu a mochila e apanhou as duas passagens, que entregou ao Comandante:

- Que bobagem, tinha me esquecido!... Estavam comigo...

O Comandante examinou rapidamente os bilhetes e os devolveu em seguida, dizendo:

- Está tudo em ordem, meus filhos. Muito obrigado, e uma boa viagem!...

E se afastou, enquanto Pedro e Glorinha voltaram a sentar-se, livres do susto e da aflição.

Enquanto isto, na torre-de-comando, o Piloto, que também chamavam de Prático, fincava os olhos no leito do rio, atento aos bancos de areia.

O navio resfolegava, soltando fumaça e vapor por todos os lados, enquanto a roda de popa fendia as águas, empurrando a embarcação para a frente.

No convés, sonolenta, entorpecida pelo calor e o ruído monotizante das máquinas, Glorinha dormitava, enquanto Pedro Jacinto olhava o rio e os barrancos que iam ficando para trás.

Subitamente, avistando na margem do rio, diante de um coqueiral, os três jagunços do Coronel, o rapaz estremeceu e, com um movimento brusco, acordou Glorinha, que perguntou, assustada:

- Que foi?!...

- Olha lá!... - respondeu Pedro Jacinto, apontando para a margem direita. São os capangas do Coronel!...

- Eles acharam a gente, Pedrinho! E agora?!...

- Não sei não! Quando o barco encostar, vai ser o diabo!

Nesse exato momento, descendo outra vez a escadinha que levava ao convés superior, o Comandante percebeu a grande aflição dos dois jovens e, voltando-se para a margem, também avistou os jagunços com suas

armas enfiadas na jereba urucuiana.

E foi perguntar ao casal:

- Algum problema?...

- Não... não senhor!... - respondeu Pedro, traindo-se com o tom de voz nervoso e inseguro. Problema nenhum...

- Está bem - disse o Comandante, afastando-se.

Na margem direita, em trote ligeiro, João Pereira, Firmi-
no e Zé Pinto não tiravam os olhos do "gaiola".

- Ali na frente tem um embarcadouro - falou o João Perei-
ra. Quando o navio parar, a gente agarra aqueles dois!...

- E se o moleque reagir?!... - perguntou o Firmino. Ele
está armado!

- Nós também! - atalhou o Zé Pinto, lacônico.

Enquanto isto, subindo depressa à torre-de-comando, no
instante em que o vapor começava a manobrar para atracar, o Comandante dis-
se ao Piloto, um baiano tranquilo e corpulento, de grandes bochechas e
pescoço curto:

- Segue em frente, Daniel!...

O Piloto estranhou e, antes de virar a roda do leme, es-
ponderou:

- Mas... Comandante!...

O oficial insistiu, com mais energia:

- Eu disse para seguir em frente! Não vamos encostar o
navio!...

O Piloto então obedeceu e, rodando o leme para a esquer-
da, fez o navio retomar o centro do rio, enquanto, com o "telégrafo", mu-
dava o comando das máquinas.

Embaixo, na casa das máquinas, o Xisto, um crioulo enor-
me, o corpo besuntado de graxa e suor, não entendia mais nada e gritava no
meio da barulhada:

- Que diabo está acontecendo?!...

Outro maquinista mexeu numa alavanca e comentou, diver-
tido:

- O Daniel teve ter ficado maluco, só!...

No convés, ao perceber a mudança de manobra, Glorinha
perguntou ao companheiro:

- Não vai mais parar, Pedrinho?...

- Parece que não!

Depois, vendo o "gaiola" se afastar do embarcadouro, no
qual gesticulavam e gritavam passageiros e funcionários da companhia, Pe-
dro comentou, apontando para os jagunços, parados no topo de um murrinho:

- Tivemos sorte, Glorinha! Olha lá os capangas!...

Na torre o Comandante explicava ao Piloto, mais calmo:

- Três homens estão perseguindo um casal de jovens! Devem
ser pistoleiros! Se o navio encostasse, podia acontecer uma tragédia! E
eu não ia fazer uma crueldade dessa, não é?!...

- Não vai dar complicação, Comandante?...

- Pode dar, que não me preocupo!...

E examinou o curso do rio que, mais à frente, dobrava à esquerda.

E determinou, vendo um lugar bom para aportar:

- Olha, ali na margem esquerda tem um lugar bom para encostar! Embica ali, Daniel! Vou avisar os meninos!

Deixou a torre, atravessou o tombadilho, desceu a escadinha e foi dizer aos dois:

- Agora vocês podem descer! Ficom livres daqueles jagunços!... Venham comigo!

E os conduziu à proa do navio, enquanto Pedro agradecia, comovido:

- Muito obrigado, Comandante!

O "gaiola", diminuindo a velocidade, já se aproximava do barranco baixo.

Chegando à proa, o Comandante indicou o lugar onde poderiam desembarcar:

- Vocês descem ali, na margem esquerda... Esperem o navio parar!

A embarcação, embicando direto na terra fofa, se imobilizou e deixou Pedro e Glorinha descer.

Pedro ajudou Glorinha a subir a pequena elevação e, em seguida, se voltou para o Comandante, que fazia sinais ao Piloto para retroceder, e gritou, muito comovido:

- Muito obrigado, Comandante!

- Deus lhe pague! - acrescentou Glorinha, quase chorando. O bondoso Comandante, acenando com as mãos, então se despediu:

- Adeus, meninos! Sejam felizes!

O navio silvou três vezes, manobrando para trás. As máquinas aceleraram, enquanto as pás da roda de popa penetraram com força nas águas barrentas e, vagarosamente, fizeram o navio afastar-se da margem.

Pedro e Glorinha desapareceram, então, no meio do mato.

Agora os dois fugitivos varavam um capinzal, desapeados, no meio de tanto perau, pisando uma terra acidentada que machucava os pés e rasgavam as roupas.

Era uma caminhada tensa e apressada, sob o sol forte, com o vento revirando o capim alto.

À certa altura, cansada, transpirando muito, Glorinha pediu:

- Espera um pouco, Pedro!... Não precisa correr, que estou quase sem fôlego!...

- Temos de apressar, Glorinha! Se eles atravessam o rio,

fica fácil achar a gente, pois estão a cavalo!...

- Estou com sede... Ainda tem água no cantil?...

Pedro parou, examinou o cantil e, passando-o à companheira, respondeu:

- Tem.

Glorinha bebeu alguns goles. Depois indagou:

- Pra onde é que a gente vai agora?...

Pedro mostrou, ao longe, um tabuleiro de vegetação mais grossa:

- Por ali... A gente entra no mato e sai na estrada. Lá embaixo, perto do Acari, mora o Sebastião Raimundo, amigo de meu pai. Ele tem um pequeno sítio, onde a gente ~~para~~ ^{para} pra descansar.

Glorinha, reanimada, ~~tomou~~ ^{tomou} a mão do companheiro e disse:

- Então vamos!

Noutro local, os três jagunços, bufando de raiva, ainda seguiam pela margem direita, procurando um ponto para fazer a travessia.

Em dado momento, irritadiço, o Firmino perguntou:

- E agora, João Pereira?!...

- Calma, sô! - arrematou o João, meio enfezado. Arriba do Brandão tem uma balsa de travessia. A gente vai pra outra margem, e segue atrás dos fujões!

- E pra onde tão querendo ir esses fedazunhas?!... - quis saber o Firmino.

- E a gente é que vai saber?! - eclodiu o Zé Pinto, puto da vida. Eles vão é pro raio que os parta!

Mais para trás, também à margem direita, o Jovino descia uma duna de areia e chegava perto de um canoeiro que, com o busto nu e um chapéu de palha amarfanhado, costurava a rede de pescar.

- Boasi - disse o capataz, antes de desmontar.

O canoeiro deu uma espiada no recém-chegado e voltou ao trabalho, respondendo:

- Boasi! Vamos apear!

Jovino apeou, prendeu o cavalo no tronco de uma árvore arrancada pela enchente e completou:

- Pode me levar pro outro lado?

O pescador, calmo, sem pressa, acabou de costurar uma fenda na rede, e só então respondeu:

- Daqui a pouquinho posso!

O capataz examinou a canoa, com tamanho suficiente para cavalo e cavaleiro, e então comentou:

- Canoinha boa, não é?...

O pescador deu uma olhadinha na canoa, para confirmar, e respondeu, lisonjeado:

- Boal!

Horas depois Pedro e Glorinha chegaram ao sítio do Se-

bastião Raimundo, situado num recanto arborizado, afastado uns cinco quilômetros da estradinha municipal.

A sede, com um jardimzinho limitando-se, por uma cerca de tábuas velhas, presas ~~em esteios~~ em esteios grossos, com o curral, à esquerda, o paiol, à direita, e o pomar, nos fundos, mais parecia morada de caseiro: era baixa, descascada e pequena, com uma porta e três janelas dando para a varandinha cheia de plantas e trepadeiras, tudo muito limpinho.

Estropiados, a roupa quase em frangalhos, Pedro e Glorinha ultrapassaram a porteira aberta e desconjuntada, meio tombada sobre dois enormes mandacarus, e se aproximaram da entrada, ao lado de uma grande paineira.

Pedro bateu palmas e chamou:

- Ô de casa!...

Sem obter resposta, chamou mais alto:

- Ô "seu" Sebastião Raimundo!...

Logo depois surgiu, na varandinha, um negro baixo e forte, vestindo camisa de xadrês, com botinões e, na cabeça, um chapéu de palha, de aba curta.

O negro chegou mais perto, fixou a vista e, de súbito, reconhecendo o rapaz, abriu-se num sorriso efusivo e exclamou, admirado:

- Mas... é o Pedro Jacinto, filho do compadre Jovino!...

Atravessou depressa o jardimzinho e foi abrir a porteira, dizendo, feliz:

- Dê cá um abraço, meu rapazi!...

Pedro e o sitiante se estreitaram num abraço afetuoso, dando-se palmadinhas nas costas, alegres e felizes. Depois Sebastião afastou Pedro Jacinto, detendo-o pelo braço, examinou-o de frente e então disse, surpreso:

- Mas está um homem feito, meu Deus!...

- Como vai o senhor, "seu" Sebastião?...

- Vou indo sim, meu filho, vou vivendo, né?...

E deu uma olhadela rápida para a Glorinha, que não parecia estar reconhecendo, enquanto o Pedro indagava:

- É a Rosália?...

- Vai bem, como Deus manda!...

Depois de olhar novamente a moça, Sebastião Raimundo não se conteve e perguntou, cheio de curiosidade:

- É a mocinha aí, quem é?...

- É a Glória Maria, a Glorinha!...

Vendo que o negro ficara na mesma, Pedro deu mais detalhes:

- É a filha do Coronel Patrício, a Glorinha!... O senhor não se recorda dela?...

Aí o sitiante abriu os grandes olhos e, espantado, exclamou:

- Meu Deus do céu!... A filha do Coronel Patrício!... Quem haveria de dizer!... Deixei ela menina pequetitinha, assim!... Tá essa moça bonita, linda como um anjo!...

Abriu os braços robustos e acrescentou:

- Deixa eu lhe dar um abraço, minha filha!...

- Como vai, "seu" Sebastião Raimundo?... - dizia Glorinha, comovida.

- Vou indo, minha filha, como Deus manda!

Depois, muito animado, voltou-se para trás e chamou:

- Rosália, minha nega! Vem ver quem chegou!...

Pouco depois, enxugando as mãos no avental, a Rosália, uma mulata ainda jovem e bonita, surgiu à varanda e foi ao encontro dos recém-chegados.

E se abraçaram, conversaram, pediram notícias, felizes pelo reencontro.

À certa altura, vendo o estado lastimável da moça, Rosália comentou:

- Você está toda suja, Glorinha!... Vem, minha filha, vem cá dentro tomar um banho e vestir roupa limpa!...

- Estou precisando mesmo! - concordou Glorinha, enquanto Pedro Jacinto recomendava:

- E aproveita pra descansar um pouquinho!

Foi quando o Sebastião, reparando também no triste aspecto do rapaz, opinou:

- Espera aí, sô!... Cê também tá bem ruim, hein?!... Tá todo pitimbado, precisando de um bom banho, e também de uma boa cama!... Vamos!

Quando faziam menção de ganhar o interior da casa, o grito de um menino chamou sua atenção:

- Pai!

Sebastião Raimundo se voltou:

- Que é?...

Um negrinho de uns 10 anos, seguido por outro, menorzinho, chegou correndo e mostrou as mãos cheias de um frutinho amarelado:

- Pai: olha o que eu achei na Lapinha!...

- Achei primeiro! - interrompeu o caçula, orgulhoso.

Sebastião empalideceu, ao reconhecer, com um grande susto, os frutinhas. Nervoso, com gesto brusco, deu tapas nas mãos dos filhos, atirando ao chão e amassando com os pés os frutinhas que as duas crianças haviam trazido.

Depois perguntou, zangado:

- Vocês comeram isto?!...

- Não... - respondeu o mais velho, assustado, enquanto o caçula começava a chorar.

- Vocês comeram isto?! - insistiu o sitiante, aflitíssimo.

- Não, papai... A gente só trouxe pro senhor ver!...

- Não podem pegar nisto não! É um veneno terrível! - explicou o pai, agora mais calmo. Também não carece de chorar! Vão pra dentro, vão!...

Os meninos saíram correndo e entraram na casa, enquanto Pedro Jacinto perguntava:

- Isto é o "mata-cavalo", não é "seu" Sebastião?

- É - confirmou o negro. É o fruto mais venenoso do sertão! Mata cavalo, mata cachorro, mata boi e também mata muitas crianças por aí!

- Já tinha ouvido falar - prosseguiu o rapaz - mas não conhecia ainda não. E tem muito por aqui?...

- Tem muito não, imagina se tivesse! Mas chega de falar de coisa triste, vamos falar de coisa alegre...

E foi levando Pedro Jacinto para dentro, enquanto indagava:

- Como é que vai o compadre Jovino? Tudo bem na fazenda?...

- Tudo em paz! - respondeu o rapaz, já na saleta de entrada.

No dia seguinte, com roupa limpa, revigorados pelo banho de chuveiro, a boa comida da Rosália e a noite tranquila de sono, Pedro e Glorinha conversavam com seus amigos: os homens, num canto do jardim, sentados numa acha de lenha, descascando e chupando laranjas; as mulheres na varanda, perto de um canteiro cheio de violetas.

Estendida na rede, bem penteadinha e perfumada, Glorinha confidenciava à Rosália, sentada num tamborete, ao lado:

- Só teve mesmo um jeito, Rosália: fugir com o Pedro, antes que papai me obrigasse a casar...

- Acho certo o que vocês fizeram - disse a Rosália. Eu também fugia com o Sebastião se meus pais não quisessem o casamento...

Mais adiante, à sombra boa de uma paineira, o sitiante, com uma vareta, riscava o chão e dizia ao Pedro Jacinto:

- Vocês podem atravessar aqui a Serra dos Tropeiros e chegar logo na Bahia...

- Juntei meu destino ao de Pedro - confessou Glorinha, na varanda. É a nossa sina, Rosália!...

- É uma travessia difícil, mas encurta o caminho - prosseguiu o Sebastião Raimundo.

- Conheço a serra - comentou o Pedro, descascando outra laranja. Já passei por lá.

- Quero ter filhos... Sou feliz assim! - disse Glorinha, segurando a mão de Rosália.

A mulher do sitiante se curvou e beijou o rosto da amiga. E lhe falou, afetuosamente, muito sincera:

- Deus te faça sempre assim, minha filha!...

- Sabe, "seu" Raimundo: o que está me preocupando é a Glo-

rinha... - argumentava Pedro. Ela não vai aguentar!...

- Não... Mas eu podia arrumar dois cavalos pra vocês! - propôs, animadamente, o sitiante.

Mas, logo em seguida, discordou de si mesmo:

- Não vai dar certo! Em vez de ajudar, pode atrapalhar!

- Não carece não, "seu" Raimundo. A gente vai a pé...

- Se quiser, eu levo vocês até a fronteira!...

- Obrigado, "seu" Raimundo! - retrucou o rapaz, agradecido. Mas o senhor não pode deixar a família sozinha...

Horas mais tarde, Pedro e Glorinha se aproximaram da Serra dos Tropeiros, cujo perfil granítico se desenhava na linha azulada do horizonte.

Quando chegaram diante de um riozinho cheio de calhaus, cortando a campina de mato baixo, Pedro ergueu a moça nos braços e atravessou o regato, depositando-a em terra firme.

Depois seguiram diretamente rumo à serra, avistando seus imponentes picos escarpados.

Nesse mesmo instante, quilômetros atrás, no sítio de Sebastião Raimundo a tragédia se armava, com a chegada dos três jagunços, cavalgando já próximos da porteira de entrada.

Vinham com a cara amarrada, sombrios, castigados pelo sol inclemente.

Depois se acercaram do jardimzinho, matreiros, desconfiados.

Quando Sebastião Raimundo os viu, ao sair para o pasto, disse à Rosália, que estava a seu lado, perto do alpendre:

- São eles! Leva os meninos pra dentro!

- Toma cuidado! - recomendou Rosália, assustada.

O sitiante foi ao encontro dos pistoleiros que, parados diante da portezinha, esperavam, montados.

Vendo-o aproximar-se, o João Pereira exclamou, surpreendido:

- Ora vejam só! É o "seu" Sebastião Raimundo!...

E completou, tocando a aba do chapéu:

- Deus esteja, "seu" Raimundo!...

- Deus esteja, "seu" João Pereira! - retribuiu o sitiante, sem muito entusiasmo. Vamos apear, a casa é sua!...

E abriu a portezinha.

- Obrigado - disse o chefe do grupo. Como está, "seu" Raimundo?...

- Bem, graças a Deus! E o senhor, como é que está? "seu" João?...

- Vou indo, como Deus manda!...

Depois, apontando para os companheiros, perguntou:

- Conhece aqui o Firmino Moreira e o José Pinto de Souza?...

- Prazer! - disse o sitiante, tirando o chapéu. Vamos apear, por favor! A casa é sua!...

Repôs o chapéu na cabeça e, voltando-se para o João Pereira, convidou:

- Vamos entrar, "seu" João!

Só então o pistoleiro apeou, seguido pelos outros. Amarrrou a rédea do cavalo num mourão do cercado e se aproximou do negro, que recuara dois passos para dar passagem:

- Não, não... Não vamos entrar, "seu" Sebastião Raimundo! Só estamos de passagem, não vamos demorar!... Só queria uma palavrinha, um dedo de prosa com o senhor...

E começou a andar ao lado da cerca, seguido pelo sitiante, que se colocou a seu lado, tenso, muito preocupado.

Foi quando o João Pereira perguntou, calmo, melífluo:

- Por acaso não apareceu por aqui um rapaz e uma mocinha? O negro se assustou, mas soube disfarçar, e respondeu com aparente tranquilidade:

- Um rapaz e uma mocinha?... Não, não apareceu não senhor! João Pereira deu mais um passo e parou de caminhar, percebendo, no outro lado da cerca, cascas, bagaços de laranja e marcas de botinas.

Depois inquiriu, com um tom de voz francamente suspeito:

- Quer dizer que não teve ninguém por aqui?!...

A resposta de Sebastião Raimundo foi temerosa e insegura:

- Não senhor... Teve não!

O pistoleiro bateu o rebenque na palma da mão, deu uma olhada expressiva para o Firmino e o Zé Pinto, atentos aos dois e, de súbito, agarrou o negro pela camisa e lhe aplicou tremenda bofetada no rosto, gritando:

- Tá mentindo, negro safado!...

Firmino e Zé Pinto, prontos para sacar as armas, deram dois ou três passos à frente, enquanto Sebastião Raimundo, tomado pelo estupor e o ódio, fazia esforços desesperados para se livrar do agressor, bradando:

- Me larga, "seu" João! Me larga, pelo amor de Deus!...

Mas o jagunço o detinha sempre pela camisa, e berrava, possesso, dando-lhe outra bofetada:

- Teve sim, crioulo ordinário, teve sim! Cê tá mentindo, negro vagabundo!!!

O Sebastião, tentando proteger o rosto, negava sempre, desesperado, querendo escapar:

- Não tou mentindo, "seu" João! Não faça isto, pelo amor de Deus!... Não bata, "seu" João, eu não sei de nada!...

Aí o pistoleiro, com um safanão, jogou-o de encontro ao

Firmino que, com um soco, o devolveu ao João Pereira.

Depois de aplicar outro bofetão no sitiante, o João Pereira berrou, cada vez mais enfurecido:

- Vai me dizer a verdade, negro safado?!... Pra onde é que eles foram?!...

O negro, com ódio e pavor no rosto, lutava para se livrar do bandido, reafirmando:

- Me larga, homem, me larga! Não sei de nada! Me larga, pelo amor de Deus!...

Desviando, como podia, o rosto das bofetadas cada vez mais violentas do pistoleiro, Sebastião Raimundo foi recuando, recuando e, de repente, se apossou de uma foice, que estava encostada na cerca, perto do curral.

Depois, com um grito espantoso e um salto felino, vibrou o instrumento no pescoço de João Pereira, quase o decepando.

O bandido, tomado pela estupefação, soltou um grande gemido e, com o sangue esguichando pelo talho enorme, rodopiou e caiu, estrebuchando na terra.

O negro, brandindo sempre a foice, avançou como um demônio enfurecido, contra o Firmino que deu um tiro com a carabina. Mas a bala passou de raspão no torso do sitiante que, dando um salto, arrancou, com a foice, a arma das mãos do pistoleiro.

Aí o Zé Pinto, horrorizado, sacou depressa o revólver e atirou várias vezes no negro, atingindo-o quase à queima-roupa.

No interior da casinha, Rosália, abraçada aos dois filhos, era uma patética imagem de medo e pavor, murmurando:

- Minha Nossa Senhora!... Minha Nossa Senhora!...

Assustados com os estampidos, os três cavalos relinchavam e erguiam o pescoço, tentando fugir. Mas as rédeas os detiveram no mesmo lugar, enquanto, apavorados, arranhavam o casco no chão.

Pouco adiante, cuspidando sangue e grunhindo palavras desconexas, Sebastião Raimundo ia vergando as pernas e tombando. Exangue, quase sem forças, deixou cair a foice, ficou de joelhos, lutando contra a morte. Mas não resistiu mais e caiu morto, os olhos injetados de ódio e terror.

Perto dele, paralizados pelo susto, Firmino e Zé Pinto empunhavam as armas, fitando, abobalhados, era o cadáver de João Pereira, ora o do negro.

Depois, no silêncio impressionante que se seguiu à tragédia, o Zé Pinto exclamou, estupidificado:

- Negro danado, do diabo! Parecia o capeta com aquela foice!...

O Firmino caminhou alguns metros, examinou o João Pereira, emborcado na poça de sangue, apanhou o revólver dele e, em seguida, voltou para junto do Zé Pinto, dizendo:

- Matou o João Pereira, só!...

Depois chutou violentamente o corpo do Sebastião Raimun-

do, que virou no chão e ficou com a cara para cima, suja de sangue e poeira

E zingou, furioso:

Negro dos infernos!

À noite desse mesmo dia, outra tragédia iria consumar-se na Fazenda da Gameleira.

Altas horas, no misterioso silêncio da noite sertaneja, ampliado pelos ganidos lamentosos de um cão, um vulto estranho e solitário surgiu na obscuridade do alpendre da casa-grande.

Era uma figura frágil, metida numa camisola de seda, e vinha apressadamente do fundo, descendo, depois, a escadaria e ganhando o pátio fronteiriço do jardim.

Ao passar sob um foco de luz, deixou ver a silhueta magra de dona Arminda, os cabelos bem compostos, mas revelando, na expressão pungente do olhar, um enorme tormento, um traço patético de loucura e determinação.

Um vento inesperado veio agitar a copa das árvores e esvoaçou a roupa e os cabelos da esposa do Coronel que, com passos curtos e rápidos, cruzou o jardim e, mais adiante, dobrou à direita, na direção da capela.

Ao passar pelo templo religioso, onde tantas vezes se prostrara, dona Arminda desviou o olhar, como se uma vergonha íntima pesasse em seu espírito e doesse em seu coração.

E seguiu, pelo caminho de terra, perdendo-se na distância e na escuridão.

Mais além, perto de um curral, virou à direita, abriu uma porteira e tomou a trilha que, passando pelo milharal, levava ao açude.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, a fazenda acordou com o grito desvairado do Coronel, que, vindo do interior da casa, chegou à varanda:

- Arminda!...

E ficou recostado na balaustrada, atônito, desarvorado, pressentindo a tragédia.

E a tragédia, de fato, se consubstanciou, mais tarde, no enorme espanto de um empregado, que se aproximara do açude e descobrira, horrorizado, o cadáver de dona Arminda, preso em folhagens, musgos e o cipó da lagoa.

Seu rosto estava intumescido e esverdeado, desfigurado pela loucura; os braços abertos, em forma de cruz; os olhos desmesuradamente abertos, hirtos e atormentados.

O empregado fez o sinal da cruz e murmurou, para si mesmo:

- Deus do céu!...

Depois deu meia-volta e saiu correndo, para avisar o patrão.

Aquela mesma hora, quilômetros ao Norte, Pedro e Glorinha haviam iniciado a escalada da serra.

Segurando a moça pela mão, ajudando-a a subir, Pedro procurava chão firme, livrando-se de pedras e seixos. Os dois, ofegantes, subiam vagarosamente a montanha, crestados pelo sol tórrido.

Era uma caminhada dura, vergastada, à medida que avançavam, pelo vento que sibilava nos picos graníticos.

Embaixo, na campina, em pontos diferentes, Firmino e Zé Pinto, remanescentes da chacina do sítio, e Jovino dos Santos, ágil, conhecedor antigo daquelas paragens, também se acercavam da serra.

Haviam abandonado os cavalos, pois sabiam que, com eles, não poderiam galgar a serra escarpada.

Jagunços e capataz, cada qual em seu lado, iniciaram, depois, a escalada, temerosos de que, de um ponto elevado, Pedro Jacinto os atingisse com um tiro.

Pedro e Glorinha, no entanto, haviam alcançado o topo da serra e pararam para descansar numa pedra, à beira de uma queda d'água que mergulhava no abismo.

- Que beleza! - exclamou Glorinha, deslumbrada com o panorama imponente. Aqui deve ter uns 1.500 metros de altitude, não é?...

- Acho que sim - respondeu o rapaz, enxugando o suor. Depois que a gente descer a serra, fica pertinho da fronteira.

- Será que vamos conseguir, Pedrinho? - perguntou a moça, com uma hesitação que surpreendeu seu companheiro.

- Claro que sim! - garantiu Pedro Jacinto. Não se preocupe!...

Glorinha, abraçando-se ao amante, recostou o rosto em seu ombro e confessou:

- Estou com medo, Pedrinho!...

Pedro afagou seu rosto, seus cabelos, estreitou-a com mais força nos braços e a tranquilizou, carinhosamente:

- Não tenha medo, Glorinha! Estou aqui, com você!...

Mais para o sul, seguindo uma trilha entre os blocos de pedra, Jovino subia a serra, buscando pistas dos fugitivos, enquanto, pelo norte, Firmino e Zé Pinto haviam chegado ao topo de um morro e pararam, meio desnorteados.

O Firmino, transpirando por todos os poros, estava mal-humorado e, sem saber para onde ir, falou irritadamente:

- O Zé, num disse procê que eles tinham ido por outro lado?!... Há mais de uma hora que a gente num vê pista nenhuma!... O moleque conseguiu enganar a gente!...

O Zé Pinto não podia contradizer o Firmino, e retrucou, enfezado, limpando o suor com a camisa:

- Esse fedazunha da miséria vai me pagar! Vamos voltar, Firmino, pra gente encontrar a pista!...

E começaram a descer a penedia, para tomar outro rumo.

Depois que descansaram e se alimentaram de frutas e carne seca, Pedro e Glorinha iniciaram, por volta do meio-dia, a descida da serra.

Só que o tempo havia mudado, rapidamente, e o sol se escondia entre grossas nuvens cor de chumbo, deixando a paisagem escura e meio sinistra.

Os dois jovens desciam cautelosamente, com receio de escorregar. Quando o tempo foi ficando cada vez mais ameaçador, antecipando temporal, apressaram o passo.

Um vento forte dificultou mais ainda sua caminhada serra-abaixo.

Ao chegarem, mais tarde, a um platô de vegetação cerrada, a ventania encorpara, enquanto prolongados trovões ecoavam pelas montanhas.

Mas os dois seguiram em frente, enquanto a natureza ganhava tonalidade plúmbea e pesada, sacudida pela trovoada interminável.

Depois que desceram inteiramente a serra, caminhando apressados pela planície, Pedro e Glorinha foram atingidos pela chuva estrepitosa, enquanto os relâmpagos estalavam no céu.

Amparando Glorinha, para que não escorregasse, Pedro, à certa altura, falou, elevando a voz no meio do temporal:

- Não me recordo bem, mas por aqui tem uma gruta onde meu pai me levava, quando eu era pequeno!...

E avançaram, afastando galhos espinhentos, guiados pela lembrança da infância.

E, efetivamente, mais adiante avistaram a boca de entrada de uma caverna, escondida no mato.

Desceram uma rampa e, por uma passagem estreita, onde escorria a água da chuva, alcançaram o salão principal da caverna.

Ali estacaram, ^{assombrados} ~~estupefatos~~, contemplando o interior impressionante da gruta, com sua imensa abóbada granítica, de onde pendiam estalactites grossas e finas, algumas alongadas como espadas, as grandes paredes de pedra, de relevo acidentado e cores estranhas.

Penetrando pela boca de entrada e o matagal, a luz do dia desvendava o ambiente pré-histórico, vez e outra rasgado pela claridade ofuscante dos relâmpagos que ampliavam sua grandeza.

Glorinha, com estranho pressentimento, amparou-se no companheiro e disse, trêmula:

- Que lugar sinistro, Pedrinho! Estou com medo! Parece um túmulo de pedra!...

Para a proteger, e infundir coragem, Pedro enlaçou amorosamente a moça e respondeu:

- Não precisa ter medo não, Glorinha! Aqui já morou gente!... Você não ouviu falar no "homem da caverna"?...

Glorinha, tentando um sorriso, que aflorou timidamente no rosto, concordou:

- É verdade... Que bobagem a minha!...

- Então vem comigo, "mocinha da caverna", mocinha encharcada...

Voltaram a caminhar, penetrando na caverna, meio aturidos pelos ruídos que ecoavam como numa catedral.

Mais adiante, num ponto onde a gruta se alargava, avistaram uma plataforma de pedra, em plano mais elevado, protegida por um paredão enviesado. E seguiram em sua direção.

Depois de subir por pedras que formavam, assimetricamente, uma espécie de escada, os dois chegaram, afinal, à platibanda granítica.

Glorinha, transida de frio, tiritava de dar pena. Pedro viu que precisava aquecê-la e, olhando em volta, falou:

- Vou procurar lenha pra fazer uma fogueira...

Desceu pelo outro lado, catando aqui e acolá gravetos, pedaços de galhos e folhas secas. Voltou para junto da companheira, acendeu a fogueira e aconselhou:

- Tire a roupa, Glorinha, pra secar e você se aquecer!...

Os dois começaram a se despír, colocando a roupa sobre pedras, perto do fogo.

Fora, no meio da cruvarada, Jovino estava chegando às imediações da caverna. Avançava pelo mesmo caminho trilhado, pouco antes, pelos dois fugitivos.

De súbito, avistou, à sua frente, o chapéu de Pedro Jacinto e ficou sabendo, em definitivo, que os dois foram se abrigar na gruta. Seguiu caminho, entranhando-se no mato.

No interior da caverna Pedro e Glorinha, já despídos, estavam sentados numa pedra lisa.

Como Glorinha continuasse a tremer de frio, Pedro enlaçou-a e, ao tocar seu corpo, exclamou, assustado:

- Você está com febre, meu bem!... Precisa se aquecer, senão adocece!...

Glorinha se aconchegou mais nele e balbuciou:

- Pedrinho, estou com frio!...

Abraçados fortemente um no outro, foram, aos poucos, se aquecendo ao calor do próprio corpo e da fogueira, cujas labaredas, agitadas pelo vento que chegava de fora, projetavam sombras estranhas nas paredes de pedra.

Mudos, estreitados amorosamente, os dois amantes foram sendo penetrados por uma grande ternura que, aos poucos, despertou em seus sentidos um frêmito de desejo e sensualidade.

Foi quando, inesperadamente, ouviram, assustados, a voz

forte de Jovino, ecoando na gruta:

- Pedro, Glorinha!

Os dois, em movimento instintivo, separaram-se, cobrindo o corpo com a roupa molhada.

- É meu pai! - exclamou Pedro, surpreendido.

Jovino, de fora, presseguiu:

- Sei que vocês estão aí!... Preciso falar com vocês! Não tenham receio!...

Pedro vestiu rapidamente a calça e depois, apontando para uma reentrância na pedra, disse à companheira:

- Vá para ali, Glorinha!...

Apanhou, em seguida, o revólver, guardado na mochila, desceu à parte plana e foi ao encontro do capataz.

Parado à boca de entrada, Jovino esperava, fustigado pela chuva.

Pedro se aproximou, empunhando o revólver e perguntou, desconfiado:

- Veio sozinho, pai?!... O que o senhor quer?!

- O Coronel mandou gente atrás de vocês! Gente ruim! - explicou o capataz. Tive sorte, e cheguei na frente! Preciso dizer uma coisa importante! Abaixa esta arma, Pedro, não vim fazer mal a vocês!...

- Então entra, pai!...

E avançou mais alguns passos, enquanto Jovino desceu a rampa, cuidando-se para não escorregar.

Quando estavam próximos um do outro, Pedro fez um gesto para que Jovino parasse e falou, apontando-lhe a arma:

- Pode falar daí mesmo!

Jovino começou então a explicar, visivelmente emocionado:

- Vim dizer uma coisa pro bem de vocês!...

- Se veio pedir pra gente voltar, pai, não adianta! - interrompeu Pedro Jacinto, firme.

E completou, para não deixar dúvida:

- A gente não volta!

Aí Jovino retrucou, comovido, como se o assunto o constrangesse:

- Eu não vim para isso, Pedro! Vim dizer que é uma loucura o que vocês estão fazendo, meu filho!...

Percebendo o sofrimento do capataz, Pedro abaixou a arma e lhe disse, agora sem aspereza na voz:

- Ela gosta de mim, pai, não quer casar com o Eduardo! Não tinha jeito, por isso a gente fugiu!...

Enquanto os dois dialogavam, Glorinha, no fundo da gruta, esperava, inquieta. Pequena, frágil, sua figura solitária contrastava fortemente com o ambiente primitivo.

Mais adiante, cada vez mais comovido, Jovino avançara para mais perto de Pedro, que o fitava, intranquilo.

- O pior de tudo, desgraça maior - prosseguiu o capataz - eu não queria dizer isto, juro por tudo quanto é mais sagrado!...

- Não adianta, pai! Não vou entregar a Glorinha! - insistiu Pedro.

- Não é nada disso, Pedro! É coisa muito pior! - disse Jovino, com dificuldade.

- Pois então fala, pai! - pediu o rapaz, com desassossego. O capataz, com voz embargada, retendo, a custo, as lágrimas, então fez a terrível revelação:

- Acontece, Pedro, acontece que você não é meu filho! É filho do Coronel!...

Ouvindo a confissão espantosa, Pedro estremeceu, sem entender bem o que Jovino dissera.

- O senhor não é meu pai?!... Então... a Glorinha...

Ficou alguns segundos em silêncio, sufocado por uma enorme perplexidade que o deixou lívido e torturado.

Depois exclamou, com voz trêmula, angustiada:

- Minha irmã?!...

Fitou Jovino, como se pedisse socorro, o olhar ávido e pungente. De seu rosto desceram, então, dois fios de lágrimas.

Jovino deu mais um passo e, tocando carinhosamente em seu ombro, falou, compassivo:

- É melhor eu levar a moça, filho... Deus vai perdoar vocês dois... Não sabiam de nada!...

Pedro, com um resto de força e lucidez, conseguiu dizer ao amigo, com penosa lassidão:

- Não adianta, pai... Ela não vai querer ir... Mas eu prometo ao senhor que a entrego amanhã cedo. Vou contar tudo pra ela... Preciso de tempo...

- Está bem, meu filho - concordou Jovino, apertando seu braço. Volto amanhã cedo... E que Deus te proteja!...

E se afastou, deixando o interior da gruta.

Pedro ainda ficou algum tempo no mesmo lugar, confrangido, tentando ordenar as idéias.

Quando ouviu a voz de Glorinha, chamando do fundo da gruta, estremeceu e ficou mais pálido ainda:

- Pedro!... Pedrinho!...

Quase em seguida reboou na caverna o estrondo de um raio, cujo clarão rasgou com violência a obscuridade e mostrou toda a palidez mortal que recobria o rosto de Pedro.

O rapaz voltou lentamente, com passos inseguros, ao recanto onde deixara Glorinha.

Depois subiu à plataforma, enquanto a moça, saindo do esconderijo, veio ao seu encontro.

Quando o viu, estranho, desfigurado, caminhando com passos lentificados, perguntou, espantada:

- O que houve?...

a indagar:

- Ele já foi embora?...

Pedro sentou-se na pedra, evitando o olhar assustado de Glorinha. Só então respondeu:

- Foi...

Recostou-se na pedra, a poucos metros da moça e da fogueira, o olhar tristonho, sentindo um frio gelado que trespassava sua alma.

Glorinha compreendeu, afinal, que alguma coisa de muito sério acontecera e veio sentar-se a seu lado, tocando em seu braço.

Ao contato daquela mão fria, Pedro estremeceu e fez um movimento instintivo de repulsa, enquanto ela perguntava, aflita:

- Me conta, Pedrinho... O que houve, meu bem?!...

- Nada... Não houve nada... - respondeu o rapaz, com voz desalentada.

E acrescentou, depois de um curto intervalo:

- Seu pai... o Coronel, mandou gente atrás de nós... Temos de sair daqui amanhã cedo...

- E se eles chegarem antes?... - perguntou Glorinha.

- É muito difícil achar este lugar no meio do mato...

Ficaram novamente em silêncio, pensativos e amedrontados, enquanto ecoavam na gruta os ruídos da tempestade.

Glorinha, com um pressentimento indefinido, foi se inquietando cada vez mais. Depois se recostou no companheiro, e suplicou:

- Pedrinho, me abrace!... Estou com frio!...

Pedro tentou se esquivar, angustiado, mas a moça insistiu, atormentada, enlaçando-o nervosamente.

- Estou com frio!... Me abrace, Pedrinho!...

Pedro então repeliu-a, com brutalidade, e pediu, exasperado:

- Não!... Por favor, Glorinha, não!...

A moça, caindo em pânico, começou a dizer, aflitíssima:

- Mas o que foi que aconteceu?!... Pedrinho, estou com frio!...

Depois, torturada, ardente de amor, envolveu-o num abraço nervoso, acariciando-o com mãos trêmulas e pedindo, num agoniado arrebatamento:

- Não fique assim, Pedrinho!... Eu amo você, eu amo muito você!...

Pedro, com uma perplexidade que o fazia hesitar entre a paixão e o remorso, o desejo e a repulsa, de repente rebentou num choro convulsivo e suplicou:

- Não, não, por favor, Glorinha, não podemos!... Não insista, Glorinha, não insista, pelo amor de Deus!...

Mas a moça parecia não o ouvir, e continuava, fremente e apaixonada:

- Por favor, Pedrinho, não faça isto!... Eu amo você, amo muito você!...

Subitamente, movido pelo desespero e a compaixão, Pedro se entregou, abraçando com força o corpo despido da moça, acariciando-o em desvario.

E lhe disse, dilacerado, como num grito de queixume:

- Me perdoa, Glorinha, me perdoa!...

Depois, agindo com a agitação da loucura, envolveu-a num abraço selvagem, beijou-a na boca, deitou-a na laje e se estendeu sobre ela, beijando e acariciando seu corpo com fúria.

No instante em que, movido pela paixão e o desatino, ia possuí-la, uma lufada de vento entrou pela gruta e apagou a fogueira.

Toda a caverna mergulhou na escuridão, e nela se consumou o incesto desesperado.

Quando o dia amanheceu, a tempestade havia cessado e uma luz fraca começou a clarear a caverna, desvendando as cores estranhas de seu teto e suas paredes.

Perto da fogueira, reduzida a restos de lenha e carvão, Glorinha dormia, estendida no chão e coberta pela rede. A seu lado, já vestido, a cabeça recostada na pedra, Pedro meditava, profundamente alquebrado, com grandes olheiras que ampliavam e davam um aspecto meio alucinado a seus olhos.

Começou a sentir sede e, apanhando o cantil, descobriu que estava vazio. Contemplou a moça, em seu sono tranquilo, levantou-se, cuidando para não acordar, desceu a plataforma e caminhou pela parte plana da gruta, na direção da saída.

Avançava cansadamente, com enorme prostração, debilitado pelo sofrimento e o remorso.

Subiu a rampa e alcançou o exterior, parando, ofuscado pela luz intensa da manhã.

Depois, acostumando-se à claridade, contemplou a paisagem umidecida, envolvida por um manto leve de neblina, e sentiu no rosto uma aragem suave e refrescante, trazendo cheiro de terra molhada, e ouviu, em sua volta, o canto dos pássaros.

Recomeçou a andar, pálido, com olhar vago, penetrando no mato, roçando no galho das árvores, de onde ainda tombavam pingos da chuva, acumulada nas folhas.

Mais adiante avistou, no chão, alguma coisa que o fez parar, intrigado.

E se abaixou, olhando fixamente um pé de "mata-cavalos", com seus frutinhas amarelados, pendendo do caule.

Ficou agachado, pensativo e hesitante. Depois estendeu as

mãos, que tremiam, mas depressa as recolheu, permanecendo alguns segundos imóvel, sem coragem.

Então decidiu-se e, num movimento nervoso, colheu os frutinhas, que guardou no bolso da calça. Levantou-se e seguiu na direção de um riacho.

Quando se aproximou do regato, cujas águas, engrossadas pela chuva, corriam entre pedras, formando pequenas cascatas e correntezas, a neblina quase se dissipara e a luz da manhã era mais intensa, definindo melhor as cores da natureza.

Alcançando a margem do pequeno rio, Pedro estendeu-se na areia e mergulhou o rosto na água límpida, refrescando-se. Depois bebeu.

Em seguida, sem pressa, abriu o cantil e o encheu de água. Retirou do bolso os frutinhas venenosos e, um a um, esmagou-os com a mão, deixando seu suco cair no cantil.

Depois, com passos lentificados, voltou pelo mesmo caminho, desceu ao interior da gruta, subiu à plataforma e se aproximou de Glorinha.

Despertando com a chegada de Pedro, a moça abriu os olhos e perguntou, enternecida:

- Onde você foi, amor?...

Levantou-se e, ao aproximar-se do companheiro, percebeu o enorme abatimento que recobria seu rosto de uma tristeza profunda. E perguntou, assustada:

- O que é que houve?... Você está tão esquisito!...

- Não é nada, estou cansado... - respondeu Pedro. Fui no riacho buscar água pra você...

- Então me dá - pediu Glorinha, estendendo a mão para apanhar o cantil.

E completou:

- Estou com sede...

Pedro relutou em passar-lhe o cantil. Mas Glorinha retirou-o de suas mãos e começou a beber. Depois interrompeu para comentar:

- Tem um gosto diferente, mas está fresquinha, gostosa...

Pedro desviou dela o olhar, no qual havia uma desesperação opressiva, uma compassiva piedade.

Inesperadamente, num gesto brusco que assustou Glorinha, Pedro arrebatou-lhe o cantil e começou também a beber, mas de uma forma tão nervosa que entornou água na roupa e levou a moça a dizer, surpreendida:

- Parece que você está morrendo de sede!...

Depois de beber toda a água envenenada, Pedro recostou-se na pedra, calado, o olhar distante, o rosto coberto de palidez e suor.

Glorinha, amorosamente, descansou o rosto em seu ombro, enquanto o rapaz, tomado por enorme ternura, enlaçou-a e a trouxe

para si, afagando delicadamente seus cabelos.

Depois falou, baixinho:

- Glorinha... Estou pensando numa coisa... Será que mesmo depois que a gente morre, se gostar muito de uma pessoa, os dois vão se encontrar?...

Glorinha ficou pensativa, estranhando a pergunta do companheiro. Depois respondeu, tranqüilamente:

- Não sei não... Mas deve ser assim: Deus vai botando em cada canto os pares que tiveram muito amor aqui na terra, como nós dois...

Ficaram algum tempo em silêncio, ouvindo as gotas pingando do teto e, amortecido pela distância, o canto dos pássaros.

Havia, no olhar de Pedro, alguma coisa brumosa e e in-corpórea, uma espécie de melancolia nostálgica que o levava a falar com tristeza, num raptó de piedade:

- Às vezes penso e repenso, Glorinha, e vem de dentro de mim uma espécie de remorso, doendo feito ferida ruim!... Eu não devia ter trazido você para esse inferno!...

Sob o efeito do veneno, e com o rosto recoberto pela palidez e a fadiga, Glorinha afastou-se um pouco do amante e emitiu um protesto débil, cheio de doçura:

- Inferno, Pedrinho?!... Não é inferno não!... Se estou a seu lado, estou no céu, estou feliz...

Depois acrescentou, voltando a repousar em seu ombro:

- Inferno, Pedrinho, é a gente viver sem amor!...

Aí Pedro perguntou, tomado pela dúvida:

- E se esse amor for pecado?...

- Mesmo assim seria amor... - explicou Glorinha, sem vacilar.

Voltaram a ficar em silêncio, entorpecidos pela ação corrosiva do veneno, circulando em seu sangue. E a morte, latente, como um estado crepuscular, começou a trazer-lhes lembranças fugidias do passado, fluindo na memória, oscilando entre o sonho e a nostalgia.

- Engraçado, Glorinha... Estou lembrando quando a gente era pequeno... - falou sussurradamente Pedro Jacinto.

- Eu também - comentou Glorinha, cada vez mais pálida e cansada, com um sorriso de brandura indefinível.

Os dois, povoados por visões retrospectivas, lembraram-se dos tempos distantes da infância.

- Lembra a gente brincando de boizinho?... - perguntou Pedro, com voz quase inaudível.

- Lembro...

- E nossos galopes, apostando corrida?...

- Mamãe me deu um pito, porque sujei a roupa...

E continuaram a recordar o passado que, pouco a pouco, lhes ia sendo arrebatado pela morte letárgica, flutuando na fímbria nebulosa da memória. E definhavam, debilitados pelo veneno.

Glorinha, esboçando um sorriso de grande doçura, teve então uma derradeira visão: corria, de braço dado com Pedro, vestida de noiva, com o véu branco esvoaçando ao vento, na direção da capela da fazenda.

Pousou em seu rosto uma felicidade lânguida e extenuada, enquanto murmurava, com os olhos apenas entreabertos:

- Queria tanto entrar na capela vestida de noiva...

Depois, quase sem forças, completou, num bocejo agônico de morte:

- Estou com um sono tão gostoso, Pedrinho...

- Eu também... - balbuciou o companheiro, sonolento.

A letargia agora já consumia o derradeiro alento da vida dos dois. Mas ainda perpassavam em sua memória coisas vislumbradas, chegando mansamente, pisando sombras, com leveza e doçura.

Eram imagens desfiguradas, como prismas, sugando o último resíduo da vida, que escoava gota a gota.

Os dois, num mesmo e enternecido movimento, aconchegaram-se mais, como se sentissem a vida se esvaindo, uma quietude macia, absorta e entorpecida.

Depois tudo se cobriu de névoa, fechando como uma cortina de luz opaca, descendo no abismo.

Antes de expirar, Glorinha ainda entreabiu os lábios e balbuciou:

- Amor...

Pora, na manhã radiosa, de sol pleno, Jovino dos Santos chegava de volta à caverna.

Mas estacou, de repente, ouvindo os passos de pessoas chegando. Ocultou-se atrás de uma moita e avistou, vinte metros adiante, o Firmino e o Zé Pinto, examinando pegadas no chão.

- Ô Zé Pinto- dizia o Firmino - isto foi agora!... Estão pertinho, pertinho!...

- É, Firmino - respondeu o Zé Pinto - a gente custou, mas agora vamos pegar os fujões!...

Jovino engatilhou a "Winchester" e aproximou-se dos dois jagunços que, muito assustados, voltaram-se em sua direção, querendo sacar as armas. Mas o rifle do capataz, apontando para eles, os intimidou.

- Uai, "seu" Jovino! - exclamou o Firmino, assustado. O que é que o senhor tá fazendo aqui?!...

- O mesmo que vocês! Só que vou levar os meninos...vivos! Aí o Zé Pinto, preocupado, opinou:

- Olha, Jovino, o Coronel não vai gostar disto!...

- Não interessa se o Coronel vai gostar ou não! - retrucou o capataz, enérgico.

E completou:

- Os meninos estão lá na gruta! Vocês esperam aqui! Vou sozinho!...

E foi recuando, a arma apontada para os bandidos. Depois chegou à boca da gruta e desceu, enquanto Zé Pinto e Firmino, encharcados de suor, foram para a sombra de uma árvore.

- É, Zé Pinto, o que é que a gente faz agora?!...

- Sei lá! - respondeu o nordestino, preocupado, fazendo um cigarro de palha.

E completou:

- Isto não está me cheirando bem!

O Firmino examinou a carabina, para confirmar se tinha munição. E ponderou:

- É... Acho melhor fazer como o Coronel mandou!

- Cê tá louco, sô! Não conhece o Jovino?!...

De repente, assustando os dois homens, o Jovino chamou, de perto:

- Zé Pinto! Firmino!

Depois se aproximou e, com uma expressão de grande acabrunhamento, explicou:

- Os meninos estão lá embaixo!... Vêm me ajudar a trazer!

Desceram a rampa e penetraram na caverna.

Quando chegaram à plataforma, avistaram, estendidos no chão e abraçados, os corpos inanimados de Pedro e Glorinha.

Firmino e Zé Pinto tiraram os chapéus, contristados, enquanto o Jovino dizia, comovido:

- Se mataram!

O Firmino fez o sinal da cruz e o Zé Pinto perguntou, penalizado:

- Coitadinhos!... Por que fizeram isto?!...

- Só Deus sabe! - respondeu o capataz, confrangido.

Aí o Firmino se voltou para o Jovino e quis saber:

- E agora, o que que a gente faz?...

Jovino, readquirindo a dura expressão do rosto, respondeu, secamente:

- Vamos levar os meninos de volta pro Coronel! Não foi pra isto que vocês vieram?!...

Mais tarde, sob o sol tórrido, Jovino dos Santos, ligeiramente à frente, Firmino e Zé Pinto cavalgavam pelo chapadão, de volta à Fazenda da Gameleira.

O corpo de Pedro Jacinto seguia preso à garupa do cavalo montado pelo Firmino, enquanto o de Glorinha ia com o Zé Pinto.

Dos cadáveres, cobertos com mantas, só se viam pernas e braços, balançando ao trote ritmado dos animais.

Pouco a pouco, na paisagem árida do sertão, os três homens,

Q A A T O R

Geraldo Santos Pereira é mineiro de Visconde do Rio Branco. Foi um dos fundadores do Clube de Cinema de Minas Gerais, em 1947, o primeiro a funcionar no Estado. Coursou, em 1949, o "Institut des Hautes Études Cinématographiques", IDHEC, seção Realização-Produção, e Literatura Contemporânea, na Sobronne.

De volta ao Brasil, em 1951, foi trabalhar na Companhia Cinematográfica Vera Cruz como 1º assistente de direção, tendo atuado nos filmes "Uma Pulga na Balança", de Luciano Salce, e "Luz Apagada", de Carlos Thiré.

Em 57, juntamente com seu irmão Renato Santos Pereira, roteirizou e dirigiu o longa-metragem "Rebelião em Vila Rica", filme que representou o Brasil no Festival Mundial do Filme, de Bruxelas, onde recebeu Menção Honrosa.

Além de membro e Secretário-Geral da Comissão Federal de Cinema e do Grupo de Estudos da Indústria Cinematográfica, Geraldo Santos Pereira foi crítico de cinema no "Diário Carioca" e "Diário de Notícias", realizou para o extinto Instituto Nacional de Cinema Educativo, sob a direção técnica de Humberto Mauro, para outros órgãos do MEC e para o Governo de Minas Gerais, diversos documentários, entre os quais "Educação e Desenvolvimento", "O Mosteiro de São Bento", "Museu Nacional", "Mineralogia Brasileira", "Roteiro Barroco Mineiro: Ouro Preto", "Roteiro Barroco Mineiro: Diamantina", "A Pintura Brasileira", "Serra da Piedade", "O Que é o IPHAN" e "Fazenda-Escola".

Conquistou, em 1959, o 1º Prêmio de Poesia do Concurso "Saint-Exupéry", promovido pelo jornal "O Globo" e, em 1976, foi um dos seis vencedores do concurso de roteiro cinematográfico promovido pelo INC e Embrafilme, com "O Cangaceiro e o Samurai".

Em 1965 realizou, também com Renato Santos Pereira, a versão cinematográfica de "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa. Em 70 dirigiu "Balada dos Infiéis", em 77 "O Seminarista" e, em 79, "O Sol dos Amantes".

Publicou, em 1973, pela Editora Borsoi, o livro "Plano Geral do Cinema Brasileiro" (História, Cultura, Economia e Legislação).

Vem exercendo, em sucessivos períodos, a diretoria do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica e da Associação Brasileira dos Produtores Cinematográficos.

Em 1977 recebeu a Medalha do Aleijadinho, conferida pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto.
